



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Ciências Sociais e Humanas

Relatório de Estágio Pedagógico Abordagem do Judo na Educação Física

Verónica Raposo

Relatório de Estágio para obtenção do Grau de Mestre em
Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor António Vicente
Co-orientador: Prof. João Ludovico

Covilhã, Junho de 2017

Agradecimentos

“ A gratidão é o único tesouro dos humildes” William Skakespeare

Aos meus Pais pelos valores e educação que me transmitiram e por todo o esforço que sempre fizeram para oferecer aos seus filhos uma formação académica. Por todo carinho, amor incondicional e ternura que demonstram.

Aos meus Irmãos, por todo apoio e confiança que depositaram em mim, estando sempre dispostos a ajudar ou a dar uma palavra de incentivo.

Á restante família, Avó, Tios, Primos e especialmente à minha Afilhada que sempre se mostrou compreensível à ausência da Madrinha durante esta fase atribulada.

Aos meus Amigos, por todo o apoio, ânimo e compreensão que revelaram, dando ainda mais sentido à palavra Amizade!

Ao Professor Coadjuvante, João Ludovico, que foi um pilar durante o estágio mostrando-se acessível, humilde e disponível à constante partilha dos inúmeros conhecimentos dos quais é detentor.

Ao Professor Orientador, António Vicente, pela transmissão de saberes e apoio prestado.

Ao Colégio Andrade Corvo, Direção, Professores, Alunos e Auxiliares por me acolherem da melhor maneira possível durante este ano.

Resumo

O presente documento pretende descrever, caracterizar e reflectir sobre as experiências e competências adquiridas, em todas as áreas pelas quais passou a nossa intervenção ao longo do ano lectivo 2016/2017 no Colégio Andrade Corvo.

O relatório encontra-se dividido em dois capítulos: o primeiro onde relatamos e reflectimos sobre as aprendizagens efectuadas no que diz respeito à área 1- organização e gestão do ensino; área 2- participação na escola e área 3- integração com o meio; e o capítulo 2 onde realizámos um estudo que tratou a “Abordagem do Judo na Educação Física”.

Acerca do capítulo 1 podemos afirmar que a aproximação com o meio escolar e o contacto com as diferentes áreas de intervenção do professor deu-nos uma bagagem de conhecimentos e experiências que nos tornou mais competentes e capacitados a desempenharmos funções específicas da prática pedagógica.

No que concerne ao capítulo 2 pudemos concluir que a situação actual do ensino do Judo nas Escolas Portuguesas passa por inúmeras dificuldades que levam a que a sua abordagem seja bastante escassa. De modo a tentar colmatar essa situação apresentamos uma proposta sintetizada de ensino do Judo para atingir o Nível Introdutório proposto pelo PNEF, onde apresentamos os saberes que consideramos importantes que o professor detenha para realizar uma intervenção segura e expomos uma U.D. composta por 10 planos de aula com o intuito de auxiliar o professor na sua intervenção.

Palavras-chave

Estágio Pedagógico, Educação Física, Intervenção, Aprendizagens, Judo.

Abstract

This document aims to describe, characterize and reflect on the experiences and skills acquired in all the areas for which we intervened throughout the academic year 2016/2017 at Colégio Andrade Corvo. The report is divided into two chapters: the first where we report and reflect on the lessons learned in Area 1- Organization and management of education; Area 2- involvement in school and Area 3 - integration with the environment; and chapter 2 where we conducted a study that addressed the "Approach to Judo in Physical Education". About chapter 1 we can say that the approach to the school environment and the contact with the different areas of intervention of the teacher has given us a wealth of knowledge and experience that has made us more competent and able to perform specific functions of pedagogical practice.

With regard to chapter 2, we could conclude that the current situation of teaching Judo in the Portuguese Schools goes through numerous difficulties that lead to their approach is rather scarce. In order to try to fill this situation we present a synthesized teaching proposal of Judo to reach the Introductory Level proposed by the PNEF, where we present the knowledge that we consider important that the teacher holds to carry out a safe intervention and expose a U.D. Composed of 10 lesson plans in order to assist the teacher in his intervention.

Keywords

Pedagogical Internship, Physical Education, Intervention, Learning, Judo.

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Índice	ix
Lista de Figuras	xiii
Lista de Tabelas	xv
Lista de Gráficos	xvii
Lista de Acrónimos	xix
CAPÍTULO 1- ESTÁGIO PEDAGÓGICO	
1.Introdução	1
2.Contextualização	
2.1-A Escola	2
2.2-O Grupo de Educação Física	3
2.3- A Professora Estagiária	4
3.Intervenção	
3.1-Área I- Organização e Gestão do Ensino Aprendizagem	6
3.1.1- 2ºCiclo do Ensino Básico	6
3.1.1.1- Caracterização da Turma	6
3.1.1.2- Planeamento da Unidade Didática	7
3.1.1.3- Condução do Ensino	9
3.1.1.1.1- Dimensão Instrução	10
3.1.1.1.2- Dimensão Gestão	11
3.1.1.1.3- Dimensão Disciplina	12
3.1.1.1.4- Dimensão Clima	12
3.1.1.4- Avaliação	13
3.1.1.4.1- Avaliação Diagnóstica	14
3.1.1.4.2- Avaliação Formativa	14
3.1.1.4.3- Avaliação Sumativa	15
3.1.2- 3º Ciclo do Ensino Básico	
3.1.2.1- Caracterização da Turma	16
3.1.2.2- Princípios Base	17
3.1.2.3- Planeamento	18
3.1.2.3.1- Plano Anual	19
3.1.2.3.2- Unidades Didáticas	21
3.1.2.3.3- Plano de Aula	22
3.1.2.4- Condução de Ensino	23

3.1.2.4.1- Dimensão Instrução	23
3.1.2.4.2- Dimensão Gestão	24
3.1.2.4.3- Dimensão Disciplina	25
3.1.2.4.4- Dimensão Clima	26
3.1.2.5- Avaliação	26
3.1.2.5.1- Avaliação Diagnóstica	27
3.1.2.5.2- Avaliação Formativa	28
3.1.2.5.3- Avaliação Sumativa	28
3.1.3- Análise Reflexiva da Área I	30
3.2- Área II- Participação na Escola	33
3.2.1- Academia de Judo	33
3.2.1.1- Planeamento	34
3.2.1.2- Intervenção	35
3.2.1.3- Saídas	37
3.2.1.4- Secretaria	38
3.2.1.5- Relações Sociais Estabelecidas	38
3.2.1.6- Construção de Material Pedagógico	39
3.2.1.7. Festa do Clube	39
3.2.2- Intervenção na Escola	39
3.2.2.1- Atividades do Departamento de Educação Física	40
3.2.2.1.1- Espeleologia	41
3.2.2.1.2- Slide	42
3.2.2.1.3- Saída de Inverno	42
3.2.2.1.4- Corta-Mato	43
3.2.2.1.5- Festival de Natação e Acampamentos	43
3.2.2.2- Atividades Dinamizadas	44
3.2.3- Análise Reflexiva da Área II	45
3.3- Área III- Relação com a Comunidade	46
3.3.1- Acompanhamento da Direção de Turma	46
3.3.2- Ação de Integração com o Meio	48
3.3.3- Análise Reflexiva da Área III	50
4-Reflexão Final	51
CAPÍTULO 2- ABORDAGEM DO JUDO NA EDUCAÇÃO FÍSICA	
1-Introdução	53
2-Enquadramento Teórico	
2.1- Breve História e Caracterização da Modalidade	56
2.2- Judo como Desporto de Valores	57
2.3- Judo na Educação Física	57
3-Metodologia	59
3.1- Caracterização do Estudo	59

3.2- População Alvo e Amostra	59
3.3- Procedimentos, Instrumento e Recolha de Dados	60
3.4- Tratamento de Dados e Análise Estatística	61
4- Apresentação e Discussão de Dados	62
4.1- Apresentação dos Resultados	62
4.2- Discussão	68
5- Conclusões	71
6- Bibliografia	72

Lista de Figuras

Figura I- Pólo de 1º e 2º ciclo- Entroncamento;

Figura II- Pólo- Sede- Torres Novas.

Lista de Tabelas

Tabela I- Critérios de avaliação para o 2º e 3º ciclo- Colégio Andrade Corvo;

Tabela II- Componente prática e teórica a abordar no 7º Ano;

Tabela III- Frequência e percentagem de respostas à questão “ Aborda a modalidade de Judo durante as suas aulas?”;

Tabela IV- Frequência de respostas relativas às razões que levam os inquiridos a não abordar a modalidade durante as suas aulas;

Tabela V- Frequência de respostas relativas à incapacidade de abordar a modalidade;

Tabela VI- Frequência de respostas relativas às principais dificuldades específicas de abordagem da modalidade;

Tabela VII- Frequência de respostas relativas à pergunta “ Na sua formação para professor foi abordada esta modalidade?”;

Tabela VIII- Frequência de respostas relativas à eficiência da formação superior académica acerca da modalidade;

Tabela IX- Frequência de respostas relativas à consideração insuficiente da formação académica;

Tabela X- Frequência de respostas relativas à procura de material de apoio à modalidade por parte dos inquiridos;

Tabela XI- Frequência de respostas relativas à pergunta “ Encontrou o que pretendia?”;

Tabela XII- Frequência de respostas relativas à suficiência da literatura existente;

Tabela XIII- Frequência de respostas referentes ao formato que os inquiridos revelam ser adequado para a disponibilização do material de apoio.

Lista de Gráficos

Gráfico I- Percentagens relativas ao grau de importância que os professores atribuem à abordagem da modalidade nas suas aulas de EF;

Gráfico II- Percentagem de respostas positivas e negativas à capacidade de abordar a modalidade;

Gráfico III- Percentagem referente à deliberação sobre a construção de uma UD destinada a auxiliar os professores de EF nas suas intervenções.

Lista de Acrónimos

AD	Avaliação Diagnóstica
AF	Avaliação Formativa
AS	Avaliação Sumativa
CJN	Clube Judo Navegantes
CNAPEF	Conselho Nacional de Associações de Professores e Profissionais de Educação Física
DGEstE	Direcção Geral dos Estabelecimentos Escolares
DT	Diretor de Turma
EE	Encarregado de Educação
EF	Educação Física
FB	Feedback
HD	Habilidades Desportivas
JDC	Jogos Desportivos Coletivos
NEE	Necessidades Educativas Especiais
PEI	Programa Educativo Individual
PNEF	Programa Nacional de Educação Física
SPEF	Sociedade Portuguesa de Educação Física
UBI	Universidade da Beira Interior
UD	Unidade Didática
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Capítulo 1- Estágio Pedagógico

1- Introdução

O presente relatório encontra-se inserido no âmbito da disciplina de Estágio Pedagógico do ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundários da Universidade da Beira Interior, que teve lugar no Colégio Andrade Corvo- Torres Novas (pertencente ao Grupo Navegantes), iniciado em Setembro de 2016 e finalizado em Junho de 2017.

(Castro & Salva, 2012) referem que a formação inicial dos professores é cada vez mais fundamental, pela amplitude de tarefas que se encontram ao seu encargo. Os mesmos autores, afirmam que os estágios são uma etapa obrigatória da formação inicial dos professores, pois objetivam a relação da componente teórica com a componente prática, inserindo o professor estagiário em ambiente escolar oferecendo-lhe a oportunidade de compreender a organização escolar e as políticas públicas que possibilitam o ensino.

De um modo geral, podemos afirmar que é através do contacto com o contexto real que o professor estagiário “troca” o seu papel de aluno pelo papel de professor, trocando também o “Saber” pelo “Saber-Fazer”, desenvolvendo capacidades que só o contacto com este ambiente o permitem.

Com a realização deste relatório pretendemos descrever, caracterizar e refletir sobre as experiências e aprendizagens realizadas em todas as áreas de intervenção com as quais contactámos ao longo deste ano lectivo.

Este documento encontra-se dividido em dois capítulos, o primeiro onde pretendemos realizar uma contextualização seguida da apresentação e reflexão de toda a acção interventiva nas diferentes áreas do ensino-aprendizagem e o segundo capítulo onde desenvolvemos uma investigação que se intitula de “Abordagem do Judo na Educação Física”, onde tencionamos averiguar qual a situação actual do ensino do Judo em contexto escolar e dar um contributo bibliográfico à evolução do mesmo.

2- Contextualização

2.1- A Escola

Num contexto histórico é importante referir que o Colégio Andrade Corvo é uma instituição de ensino privado, que foi fundada a 20 de Julho de 1928 por um grupo de célebres torrejanos com fiéis e profundas convicções cristãs, impulsionados por o forte interesse pelo ensino e pela educação. Foram seus fundadores o Dr. Augusto de Azevedo Mendes (notável médico), o Professor João Gomes Duque, bem como os professores Armando Calado e Raimundo dos Santos. (Colégio Andrade Corvo & Colégio de Navegantes, 2014-2017)

O nome do patrono do Colégio foi sugerido pelo distinto historiador torrejano, Artur Gonçalves. (Colégio Andrade Corvo & Colégio de Navegantes, 2014-2017)

Foram várias as direções que passaram pela administração do Colégio estando sempre associadas à fé cristã e mantendo as linhas do ideal católico que o caracterizam desde a sua fundação. (Colégio Andrade Corvo & Colégio de Navegantes, 2014-2017)

Em meados dos anos noventa, o Colégio Andrade Corvo entrou numa fase de decadência e crise e, em Fevereiro de 2015, o Colégio dos Navegantes regido também ele pelos princípios cristãos e religiosos, tornou-se entidade titular do Colégio Andrade Corvo, pelo que, esta instituição voltou a surgir como referência no ensino da região do Médio Tejo. (Colégio Andrade Corvo & Colégio de Navegantes, 2014-2017)

Por esta região ter pouca oferta privada de Ensino Básico e Secundário e através da análise da caracterização económica e social em 2011 do concelho de Torres Novas podemos verificar que o poder de compra da população é de 91,4% sendo superior à do Médio Tejo que regista 83%. (O Concelho de Torres Novas alguns números, 2011). Assim, as características da população aliadas às necessidades da região revelam que o Colégio está inserido numa zona favorável ao seu desenvolvimento.

Os Navegantes passaram a ter valências na cidade do Entroncamento e Torres Novas, pelo que no Entroncamento localiza-se um Pólo de Creche e Jardim e Infância e outro de 1º ciclo e 2º ciclo e em Torres Novas situa-se o Poló-Sede do Andrade Corvo, onde são lecionados 1º, 2º e 3º Ciclo, e Cursos Vocacionais de Ensino Básico e Secundário.



Figura I: Pólo de 1º e 2º ciclo - Entroncamento

Aprofundando com mais critério o Pólo-Sede, pelo qual passou a maioria da nossa intervenção, a nível espacial dispõe de dezoito salas das quais fazem parte um laboratório, sala de artes, sala de informática, biblioteca, oficina de trabalhos oficinais, dispondo também de espaços como bar, refeitório, sala dos alunos, sala de professores, gabinetes da direção, serviços de apoio e atendimento, espaços de recreio, polivalente e pavilhão gimnodesportivo.



Figura II: Pólo-Sede - Torres Novas

Analisando os recursos humanos, pode verificar-se que a população escolar é constituída, no presente ano letivo 2016/2017, por 299 indivíduos, dos quais 239 são alunos, 42 docentes e 18 pessoal não docente.

No que concerne às instalações desportivas, destinadas à prática das atividades físicas e desportivas desenvolvidas no âmbito da Educação Física são disponibilizadas seis áreas distintas com adequação pré-definida de unidades curriculares, bem como material desportivo. Sendo estes espaços o Pavilhão (dividido em 3 partes distintas - P1, P2 3 P3), dois espaços exteriores (E1 e E2) e uma sala polivalente (E3) que tem o chão protegido por tapetes e é normalmente utilizada para lecionar modalidades de interior que assim o exijam como é o caso da ginástica e desportos de combate. Em relação às atividades físicas e desportivas de cariz não obrigatório, mais propriamente denominadas como Academias, decorrem em dois espaços distintos, um destinado à Academia de Natação, que tem lugar nas Piscinas Municipais de Torres Novas e outro destinado à Academia de Judo, que se situa no Pólo do Entroncamento onde existe uma área de tapetes de Judo disponível para a prática da modalidade, foi nesta última que realizámos a nossa intervenção.

2.2- O Grupo de Educação Física

Segundo (Nobre, 2010), para que haja um cumprimento dos currículos impostos pelo Ministério da Educação é necessário que o grupo disciplinar, neste caso o de Educação Física, seja coeso e mobilize vontades no sentido de uma ação conjugada para o desenvolvimento da disciplina, pois só com vontade de melhorar, haverá mudança.

O grupo disciplinar de Educação Física do Colégio Andrade Corvo é constituído por três professores e uma estagiária. Desta equipa fazem parte: o Professor João Ludovico que além de ser docente da disciplina é o coordenador de departamento, coordenador da Academia de

Judo e professor cooperante deste estágio curricular; o Professor José Riachos que para além de docente de Educação Física também é coordenador da Academia de Natação e a professora Sandra Brites que desempenha apenas funções de docência da disciplina.

Estes professores vêm de ambientes desportivos bastante ecléticos, pelo que constituem um grupo bastante dinâmico e com conhecimentos bastante alargados sobre modalidades específicas, que partilham constantemente. Existe um enorme espírito de cooperação e entreajuda, não só ao nível da partilha de informação mas também à constante abertura e disponibilidade perante situações de resolução de problemas.

Durante a preparação e realização de todas as atividades, do encargo do grupo, este mostrou-se muito coeso trabalhando sempre em prol do sucesso coletivo, pelo que todos os elementos desempenharam as suas funções de forma ativa e empenhada, alcançando sempre o êxito da atividade.

Sempre que o grupo se deparou com situações de decisão, estas foram tomadas em conjunto através do confronto de ideias, terminando num acordo entre as partes visando o interesse e bom funcionamento da disciplina, pois tal como investigaram Kocher e Sutter 2005, citados por (Zambonetti, 2009), os grupos tomam decisões mais rápidas e racionais.

Ao longo do ano letivo os professores mostraram-se bastante prestáveis, cooperantes e cordeais.

2.3- A Professora Estagiária

Desde cedo percebemos que o nosso futuro profissional estaria ligado à área desportiva, pois não nos imaginávamos a trabalhar noutro contexto que não se enquadrasse nesta área.

O desporto e a atividade física sempre foram as nossas áreas de eleição, não só pela paixão da prática efetiva em si, mas também pelo desenvolvimento de valores pessoais e sociais que o estes possibilitam e potenciam.

Contudo, esta área tem vindo a assumir um papel de grande importância na sociedade atual, pelo que são inúmeras as oportunidades de trabalho a ela associadas, como por exemplos: atleta profissional, treinador desportivo, professor de educação física, instrutor de ginásio, massagista desportivo, psicólogo desportivo, gestor de espaços desportivos, etc.

Durante vários anos representámos a Federação Portuguesa de Judo em provas nacionais e internacionais, alguns foram os títulos alcançados, contudo mais numerosos a nível nacional que a nível internacional.

Sabendo que em Portugal era muito difícil viver apenas de ser atleta profissional, ainda mais numa modalidade pouco reconhecida, optámos por nunca parar os estudos, e enveredamos na Escola Superior de Desporto de Rio Maior em 2009, no curso de Treino Desportivo. No início a nossa escolha seria dar continuidade à formação no Judo desta vez no papel de treinador, contudo e mais uma vez por a modalidade não ser ainda bem aceite pela sociedade, isso não foi possível e acabámos por realizar a nossa formação na área da Natação, modalidade pouco prezada, na altura.

Após concluirmos com sucesso a formação na área da Natação a vontade de nos formarmos também no Judo foi maior, pelo que acabámos por realizar o Curso de Treinadores de Grau I, através do IDPJ em 2013.

Após terminarmos a licenciatura surgiu a oportunidade de começar a intervir no Judo e na Natação. Esta intervenção fez parte do projeto extracurricular do Colégio dos Navegantes, onde estabelecemos o nosso primeiro contacto com o mercado de trabalho na área do ensino, perfazendo até à data de uma experiência de 5 anos. O facto de pudermos ensinar e ao mesmo tempo educar os alunos fascinou-nos, foi então que a curiosidade de saber mais sobre o papel da Educação, na sociedade em geral, e em particular no contexto escolar fez-nos procurar alargar os conhecimentos na área do ensino e inscrever-nos no Mestrado de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário na Universidade da Beira Interior.

3- Intervenção

3.1- Área I- Organização e Gestão do Ensino e Aprendizagem

O professor de Educação Física para que desempenhe as suas funções corretamente e com sucesso pedagógico deve fazer passar a sua intervenção por três grandes tarefas: a preparação, a realização e a análise e avaliação do produto e processo de ensino (Quina, 2007).

Assim podemos afirmar que as tarefas do professor não passam apenas pela lecionação efetiva da disciplina.

O professor deve pensar o processo de ensino estabelecendo objetivos e procurando utilizar os métodos mais eficazes para os atingir, tendo para isso de planejar. Além disso deve ser detentor de uma boa base de técnicas pedagógicas para que possa aplicar com sucesso o que planeou, ou seja, deve saber conduzir o processo de ensino- aprendizagem. Por fim, deve ter a capacidade de reflexão e análise para que possa avaliar não só o desempenho dos alunos como também a sua própria intervenção, podendo eventualmente ter de fazer algumas alterações ao inicialmente pensado, por não estar a surtir o efeito pretendido. (Sousa, 1992; Matos, 2010 citado por Rodrigues, 2015)

A escola ao estar organizada em ciclos de aprendizagem permite que o ensino seja realizado de forma contínua, porém o facto de ensinar em diferentes ciclos de aprendizagem exige que o professor adapte a sua prática pedagógica, respeitando a diversidade e os diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos. (Machado & Santos, 2015).

Segundo Benavente (1994), citado por (Gaitas & Silva, 2010), a diferenciação do ensino nos diferentes ciclos é essencial, para isso o professor deve confrontar o aluno com situações didáticas significativas, diversificadas e adequadas. Os mesmos autores, citando Morgado (2003), referem que a diferenciação do ensino se pode gerir através do ajustamento de seis dimensões distintas: o planeamento, as atividades e tarefas de aprendizagem, os materiais e recursos de aprendizagem, a organização do trabalho dos alunos, o clima social na sala de aula e a avaliação.

Visto que no decorrer do Estágio Pedagógico a nossa intervenção passou pelo contacto com dois ciclos de ensino distintos foi importante diferenciar o Planeamento, a Condução do Ensino e a Avaliação nos mesmos.

3.1.1- 2º Ciclo do Ensino Básico

3.1.1.1- Caracterização da Turma

A caracterização adequada da turma é uma mais-valia para o processo de ensino aprendizagem, na medida em que permite uma contextualização mais eficaz do planeamento a realizar, uma compreensão de alguns fenómenos sociais e a adequação dos objetivos gerais da disciplina à turma em questão.

Para recolher os dados relativos à turma, na primeira aula da Unidade Didática foi aplicada uma ficha de caracterização individual do aluno (Anexo I).

Através da análise dos dados recolhidos, a informação foi agrupada em sete categorias, nomeadamente, dados referentes ao aluno, ao encarregado de educação, ao agregado familiar, à saúde, à vida escolar, à prática desportiva fora do contexto escolar e à educação física.

A turma de 5º B era constituída por 17 alunos, dos quais 10 eram raparigas e 7 eram rapazes, as idades estavam compreendidas entre os 10 e os 12 anos. Reportando-nos aos dados relativos à educação física 15 alunos revelaram gosto e interesse pela disciplina, os restantes 2 referenciaram não a apreciar.

De modo a sintetizar toda a informação foi construída uma ficha resumo da caracterização da turma. (Anexo II)

É de extrema importância referir que a maioria dos alunos, mais propriamente treze, realizou o 1º ciclo no Colégio dos Navegantes, que privilegia a disciplina de Educação Física face ao exigido no ensino público, onde podemos notar que no 1º ciclo a carga horária destinada à disciplina é de 180 minutos semanais e o programa curricular exige a abordagem de modalidades específicas tais como: futebol, basquetebol, andebol, voleibol, ginástica artística e de trampolins, atletismo nas suas diferentes disciplinas, judo, orientação e tagrugby.

A turma trabalhou em dois grupos nível distintos, pois após a avaliação inicial 15 alunos revelaram não atingir o nível introdutório e apenas 2 alunas atingiram esse nível, sendo a abordagem à modalidade realizada de forma distinta.

Ao nível disciplinar a turma revelou-se bastante cumpridora e respeitadora das ordens do professor.

3.1.1.2- Planeamento da Unidade Didática

O grupo de EF do Colégio Andrade Corvo trabalha numa perspetiva de continuidade de matérias, pelo que possui um documento onde se encontram distribuídos os conteúdos e modalidades a abordar em cada ano de escolaridade e respetivo período, ou seja, o professor consoante o período e ano de escolaridade que se encontre a leccionar, sabe qual o bloco de matéria a abordar.

Para uma escola que adote o modelo de ensino por blocos é uma solução favorável, pois independentemente do professor que venha a intervir numa determinada turma, esse bloco de matéria será sempre abordado.

O contacto efetivo, num contexto de prática pedagógica, com o 5º B foi realizado no segundo período, pelo que estão definidas como matérias a tratar o futsal e a patinagem.

Por nos ter sido dada a oportunidade de escolha, pelo orientador cooperante, perante a seleção da matéria pela qual queríamos que passasse a nossa intervenção, optámos pela patinagem.

O nosso critério de escolha foi o escasso conhecimento e contacto com a modalidade, pois iríamos ter a oportunidade de desenvolver novas aprendizagens, ainda pra mais num contexto supervisionado onde a análise crítica e reflexiva iria assumir um peso maior, pois os princípios utilizados iriam ser discutidos e questionados constantemente e conjunto com o professor orientador.

Apesar do grupo de EF ter definido quais os conteúdos a abordar dentro de cada modalidade, e de modo a compreender o processo de “escolha” de objetivos finais para a turma, foi nos dada liberdade para planejar, intervir a avaliar.

O planeamento da UD teve como requisito a harmonização entre o PNEF, o planeamento anual de atividades e a avaliação diagnóstica.

Para existir uma melhor organização de informação e conteúdos foi elaborado o MEC (modelo de estrutura de conhecimentos) proposto por Vickers, 1989, para esta modalidade.

Na construção de uma UD é essencial que se selecionem os objetivos de modo a que estes sejam realistas e atingíveis, adaptando-os aos alunos. (Costa, 2015)

Após a avaliação diagnóstica verificou-se que a turma apresentava dois grupos nível distintos, ou seja, era heterogénea no que respeita às aprendizagens já adquiridas até então nesta modalidade. O ensino foi diferenciado de maneira a responder aos requisitos de cada grupo e respetivos ritmos de aprendizagem.

Foram realizados dois quadros de extensão e sequência de conteúdos que se diferenciavam no domínio psicomotor, mantendo-se os domínios cognitivo, socio-afetivo e trabalho das capacidades condicionais e coordenativas.

Apesar do planeamento estar sempre sujeito a alterações, consoante a resposta dos alunos ao processo ensino-aprendizagem, a construção de uma unidade de ensino detém um papel fundamental no desenrolar da intervenção do professor. Pois tal como refere Bento (1987) citado por (Costa, 2015), o planeamento da UD é a primeira fase para a preparação da aula, pois aí a aula encontra-se introduzida no processo global, a sua função didática está definida e são traçados num contexto geral os objetivos a atingir e conteúdos a abordar.

O facto de planejar a UD de modo a permitir soubessemos quais os conteúdos pelos quais tinha de passar a nossa intervenção em determinado dia nos diferentes grupos níveis, fez com que existisse uma maior orientação e organização da ação docente, pelo que o próprio plano de aula já se encontrava definido de forma geral.

O plano de aula faz parte integrante e específica de cada UD e através da análise do plano anual de actividades foi definido o número de aulas destinados à abordagem deste bloco de matéria.

Para esta UD foram planeadas 9 aulas que correspondem a 18 tempos letivos, pois o Colégio por ter autonomia escolar oferece à disciplina de Educação Física uma carga semanal de 3 horas letivas, sendo a disciplina lecionada sempre em blocos de 90 minutos, pois a Direção descredita na função didática e pedagógica das aulas de 45 minutos.

Estas aulas foram lecionadas em dias de aulas consecutivos, sendo o bloco de futsal abordado depois do fecho do bloco de patinagem.

Na construção do plano de aula inserimos os elementos gerais que considerámos fundamentais, tais como: o(s) objetivo(s), materiais, exercícios, critérios de êxito, organização da turma, diferenciação de exercícios consoante o grupo nível inserido, duração, etc. e elementos mais específicos da modalidade como: regras de segurança a aplicar e tipos de ajuda a utilizar por parte dos alunos. (Anexo III)

Ao longo da UD o planeamento geral, no que concerne à distribuição de conteúdos a abordar não careceu de alterações, contudo os métodos de ensino e organização da turma foram sendo ajustados às necessidades encontradas, por exemplo no início do ano quando os alunos necessitavam de mais acompanhamento os exercícios foram organizados por vagas, com o avançar da prática efetiva optámos por recorrer à organização por circuito ou estações. Ao verificarmos quais os alunos mais avançados e rápidos, optámos por colocá-los a realizar os exercícios primeiro para que não fossem travados pelos mais lentos, caso estes os antecedessem.

O planeamento é diretamente proporcional à qualidade de ensino e educação, pois quanto maior for a organização e o controlo sobre um maior número de variáveis, maior será a probabilidade de evitar imprevistos, o que levará a um ensino mais eficaz.

Além de estabelecer objetivos, um dos principais objetivos do planeamento passa por procurar métodos de ensino inovadores para que se atinja o sucesso aplicando novas metodologias de ensino, organização e dinâmica de aula (Sayão & Muniz, 2004).

A pesquisa constante de métodos e formas de ensino, bem como o diálogo e partilha com diferentes intervenientes, tanto do grupo de EF como indivíduos com conhecimentos associados à área de ensino, fez com adquiríssemos alguma bagagem que nos permitiu avançar para a uma intervenção mais produtiva.

Por nos encontrarmos a lecionar no 2º ciclo, onde alunos ainda são algo inocentes, imaturos e gostam de tentar quebrar as regras, foi importante planear cuidadosamente para evitar situações indesejáveis. Exemplos disso foram: definir bem as regras de segurança em todas as aulas, as zonas de trabalho, verificando a segurança das mesmas (evitando planos rugosos ou acidentados, materiais inadequados juntos às zonas de prática e patins em mau estado), bem como a cuidadosa colocação face à turma evitando chamar alunos que se encontrassem de costas.

3.1.1.3- Condução do Ensino

Segundo Siedentop (1983) citado por (Oliveira, 2013) existem quatro dimensões de intervenção pedagógica: a instrução, a gestão, a disciplina e o clima. Estas dimensões detêm uma elevada importância na condução da aula.

(Coelho, 2012), citando o mesmo autor, Siedentop (1998), refere que “ *O docente eficaz é aquele que encontra os meios de manter os seus alunos empenhados de maneira apropriada sobre o objetivo, durante uma percentagem de tempo elevada, sem ter de recorrer a técnicas ou intervenções coercitivas, negativas ou punitivas. As quatro dimensões do processo*

ensino- aprendizagem estão sempre presentes de uma forma simultânea em qualquer episódio de ensino.”

O professor deve definir estratégias de maneira a que a sua intervenção se torne o mais eficaz possível, contudo e com o decorrer da prática pedagógica é natural que este tenha de as adaptar consoante a resposta dos alunos.

A condução do ensino por parte do professor estagiário leva a que este adquira gradualmente os seus métodos de intervenção baseados nos pressupostos que assentam na literatura existente, ajustando as suas estratégias de instrução, demonstração, organização da turma, organização dos exercícios, transições dos mesmo, gestão do tempo, da turma, dos conflitos, etc.

De seguida será descrita de forma sucinta a nossa intervenção pedagógica durante a condução do ensino no 2º ciclo do ensino básico na modalidade de patinagem, para isso especificamos cada uma das dimensões de intervenção.

3.1.1.3.1- Dimensão Instrução

(Martins, 2014) citando Siedentop (1983) descreve esta dimensão como o conjunto de técnicas utilizadas pelo professor para transmitir a informação, como por exemplo a preleção, a explicação, a demonstração, o feedback e outras comunicações de informação relacionadas com a matéria de ensino.

A comunicação é o meio pelo qual se estabelece uma interação professor-aluno, esta torna-se fundamental e decisiva no que concerne à eficácia do ensino e transmissão de conhecimentos.

Os principais momentos de instrução decorrem: na introdução da aula, aquando a apresentação de exercícios, durante a prática efetiva através da transmissão de FB e no balanço final. (Quina, 2007)

No que se refere à introdução da aula, foi sempre realizada com uma breve instrução inicial, onde foram revistos conteúdos de aulas anteriores, à exceção da primeira aula de UD, e transmitidas informações referentes aos objetivos e conteúdos da presente aula. De modo a tornar esta instrução breve e apelativa, do ponto de vista do aluno, foram vários os momentos em que recorreremos ao questionamento, de modo a verificar a consolidação das aprendizagens adquiridas, e à demonstração onde foi apresentada uma imagem global dos movimentos, o mais aproximada possível da execução correta, frisando as principais componentes críticas. A demonstração foi variada, podendo ser o professor a executá-la ou apelando o auxílio de um aluno, corrigindo-o caso a demonstração se apresenta-se incorreta.

Por se tratar de uma modalidade com risco acrescido inerente às suas características específicas, a prevenção de lesões deve ser um aspeto de grande preocupação por parte do professor. Para isso antes e no decorrer das aulas os alunos foram constantemente alertados para um conjunto de situações a ter em atenção, como por exemplo: calçar os patins sentado ajustando-o bem ao pé, evitar agarres, cair sempre que possível da forma ensinada e não experimentar movimentos não indicados pelo professor.

Sempre que existiu a apresentação de um exercício ou conteúdo novo recorreremos à demonstração prática do mesmo, frisando os critérios de êxito do exercício bem como incorreções a evitar.

Como a patinagem exige bastante destreza técnica, da qual não detemos habilidades motoras significativas, para que a demonstração fosse executada da melhor forma e por na turma existirem duas alunas que apresentavam essas habilidades, socorremo-nos delas, ou seja, sempre que foi necessário expor um exercício como maior exigência técnica pedimos às alunas para o demonstrarem, frisando em simultâneo as componentes críticas do movimento.

A apresentação dos exercícios foi efetuada da forma mais clara e objetiva possível para que, por um lado houvesse pouco dispêndio de tempo e por outro estes fossem apresentados de forma a facilitar a sua compreensão.

Segundo Mota (1989) citado por (Cunha, 2003) o feedback possibilita, ao professor, persuadir a atividade do aluno, caracterizando-se como decisivo na atividade pedagógica.

O FB foi um dos parâmetros que aperfeiçoámos bastante durante a prática pedagógica, pois com o aprofundamento dos conhecimentos inerentes à modalidade este foi-se tornando cada vez mais pertinente, diversificado e de qualidade.

Empregámos o FB em diferentes situações e com intenções distintas, nomeadamente, a de reforço e motivação, de descrição e correção e de questionamento.

No balanço final das aulas utilizámos frequentemente o questionamento, pois este revelou-se um método eficaz de verificar as aquisições cognitivas realizadas por parte dos alunos, realizámos a reflexão da aula referenciando os aspetos positivos, negativos e a melhorar e uma breve transmissão dos conteúdos da aula seguinte para suscitar interesse.

Importa referenciar que no decurso da transmissão da informação foi sempre utilizada terminologia adequada à modalidade e compreensível no que respeita aos conhecimentos do grupo. Com o avançar dos conteúdos, os termos técnicos utilizados ganharam maior relevância para que fossem transmitidos de forma sistemática e assim assimilados com maior facilidade.

3.1.1.3.2- Dimensão Gestão

Esta dimensão abarca todos os métodos que visam melhorar a qualidade de gestão do tempo, dos espaços, dos materiais e de organização do grupo de trabalho. (Quina, 2007)

Uma das estratégias que utilizámos para garantir o sucesso desta dimensão foi a introdução de parâmetros de gestão no plano de aula. São exemplos disso a colocação do material necessário, a definição antecipada de tempos destinados a cada tarefa, a disposição das estações ou exercícios no espaço de aula, a definição de grupos de trabalho bem como a sua organização consoante determinado exercício.

No decorrer das aulas foram também adotadas estratégias de maximização do tempo, como são exemplos:

- Fixação de rotina de aquecimento articular dirigido por um aluno, por ordem alfabética, que já havia sido implementada pelo professor responsável pela turma;

- Ensino da arrumação do material, especificamente dos patins, de modo a que na aula seguinte fosse fácil identificar o seu par;
- Destacar alunos para a arrumação do restante material;
- Definir rotinas no que respeita aos locais de preleção e organização da turma;
- Utilização de exercícios que colocassem os alunos em constante empenhamento motor, como é o caso das estações ou circuitos;
- Estabelecer tarefas específicas para os alunos que não realizaram aula, podendo estes auxiliar na organização de exercícios ou materiais, bem como realizar relatórios de aula.

Inicialmente tivemos alguma dificuldade em definir tempos de exercícios ajustados à realidade, pois não tínhamos muita noção do tempo necessário para a execução de cada exercício nem de como a turma iria responder ao mesmo. Como o avançar da intervenção fomos conhecendo a turma e a sua capacidade de resposta e os tempos planeados foram cumpridos.

3.1.1.3.3- Dimensão Disciplina

(Cardoso, 2014) citando Siedentop (1983) refere que mais do que intervir sobre o comportamento inadequado o professor deve desenvolver estratégias que privilegiem os comportamentos adequados, acrescentando que o mesmo deve planejar as suas aulas de modo a que o aparecimento de comportamentos desvio seja reduzido.

A turma do 5ºB trazia uma cultura de cumprimento disciplinar bastante marcada, revelando-se bastante respeitadora e cumpridora das tarefas propostas pelo professor.

Para dar continuidade a estes comportamentos exemplares, adotámos algumas estratégias durante a lecionação desta UD, como é o caso:

- Definir regras de funcionamento claras e reforçá-las sempre que necessário;
- Mostrar uma atitude atenta estabelecendo sempre o contacto visual com toda a turma;
- Minimizar os tempos “mortos” que propiciam o aparecimento de comportamentos desvio;
- Aquando a existência de um comportamento desvio, atuar de imediato na punição e abolição do mesmo;

Com a aplicação destas estratégias aliadas ao bom comportamento geral da turma, não existiram episódios significantes de indisciplina.

3.1.1.3.4- Dimensão Clima

“ Esta dimensão da intervenção pedagógica engloba os aspetos relacionados com as interações pessoais, relações humanas e o ambiente de aula.” (Coelho, 2012)

Para que a condução do ensino se revele eficaz é necessário que se estabeleça um clima favorável de aula tanto ao nível motivacional, onde os alunos se encontram empenhados na realização das tarefas motoras, bem como ao nível relacional, onde são estabelecidas relações de mútuo respeito entre o professor e os alunos e os alunos entre si.

Para garantir o clima positivo durante as aulas foram aplicadas algumas premissas, como:

- Estabelecer uma relação de respeito mútuo entre o professor e os alunos;
- Não tolerar reações negativas face ao mau desempenho dos colegas de turma;
- Motivar e enaltecer comportamentos de *fair-play* ou entreaajuda;
- Estabelecer conversas particulares com alguns alunos, sempre que necessário;
- Demonstrar preocupação e interesse pela vida escolar do aluno;

A articulação e aplicação destas estratégias fez com que existisse, em todas as aulas, um clima positivo o que foi fundamental para o sucesso das aprendizagens propostas.

3.1.1.4- Avaliação

“A avaliação no seio da atividade de aprendizagem é uma necessidade, tanto para o professor como para o aluno. A avaliação permite ao professor adquirir elementos de conhecimentos que o tornem capaz de situar, do modo mais correto e eficaz possível, a ação do estímulo, de guia ao aluno.” (Depresbiteris, 1989 citado por Bratífische, 2003)

A avaliação é um método do qual o professor se faz valer para verificar o sucesso da sua ação educativa. Esta permite ao professor recolher informações, analisá-las e tomar decisões para promover a qualidade do ensino- aprendizagem.

(Perrenoud, 2001), citando Cardinet (1983) distingue três funções da avaliação: a orientação e seleção de decisões, associada à avaliação diagnóstica, a regulação do processo ensino-aprendizagem, relacionada com a avaliação formativa e a certificação que se interliga com a avaliação sumativa.

Com o objetivo de padronizar os critérios de avaliação aplicados por todos os professores do Departamento de Educação Física do Colégio Andrade Corvo, o grupo tem estabelecido os critérios a aplicar.

Existem 3 momento de avaliação definidos:

- 1º- Avaliação Diagnóstica;
- 2º- Avaliação Formativa;
- 3º- Avaliação Sumativa.

Os alunos são avaliados consoante os itens e fatores de ponderação apresentados na tabela I:

Tabela I: Critérios de Avaliação para o 2º e 3º Ciclo- Colégio Andrade Corvo

HABILIDADES TECNICO-DESPORTIVAS (75%) Avaliação do grau de aproximação relativamente aos objetivos específicos das matérias selecionadas.
ATITUDES (10%) Trata-se do registo sistemático de uma ficha específica.
CONHECIMENTOS (15%) Constatação, através da execução de testes, do grau de assimilação dos conceitos de natureza teórica transmitidos no decorrer das aulas.
DESENVOLVIMENTO DAS CAPACIDADES FÍSICAS CONDICIONAIS E COORDENATIVAS (Fator de ponderação) Analisar o grau de desenvolvimento e progressão individual e coletivo dos alunos, comparando os resultados encontrados com os da avaliação inicial.

3.1.1.4.1- Avaliação Diagnóstica

(Ferreira, 2005) citando Ribeiro (1999) menciona a importância da avaliação diagnóstica pois é através desta que o professor verifica se o aluno está apto para a aquisição de novas aprendizagens, ou se por outro lado, não tem uma base de sustentação forte para que sejam introduzidos novos conteúdos e assim prevê dificuldades de aprendizagem, devendo encontrar soluções para resolver a situação.

A AD desta unidade didática foi planeada para a primeira aula. Foram selecionados como conteúdos a observar nesta avaliação os correspondentes ao nível introdutório inserido nas metas de aprendizagem de EF. A seleção destes conteúdos teve como propósito o facto de no programa curricular do colégio ser o primeiro momento em que os alunos têm contacto efetivo com a modalidade.

Sabendo disso e prevendo que a maioria deles não iria ter conhecimentos suficientes para realizar o exigido por esse nível, desde logo foi planeada, em simultâneo, a primeira aula de introdução de conteúdos teóricos e de contacto com o material (patins).

Iniciámos a avaliação questionando os alunos de quais os seus conhecimentos relativos à modalidade ou quais os contactos anteriores que estabeleceram com a mesma. Apenas obtivemos duas respostas positivas, pelo que, de modo a garantir a segurança dos restantes elementos da turma considerámos que estes se encontrassem no nível Não Introdutório, sem realizar qualquer tipo de avaliação prática.

As alunas que afirmaram ter conhecimentos da modalidade realizaram o circuito técnico proposto para a avaliação diagnóstica, onde ambas atingiram o Nível Introdutório.

O registo de avaliação foi realizado através da observação direta da prestação das alunas, utilizando uma escala dicotómica E-executa e NE- não executa.

Após a análise da AD constatámos que a turma se iria encontrar dividida em dois grupos nível, tendo de se estabelecer objetivos e estratégias de ensino distintos de maneira a responder às diferentes necessidades de aprendizagem dos alunos.

3.1.1.4.2- Avaliação Formativa

A avaliação formativa permite ao professor recolher informações, no decorrer da sua prática pedagógica, que comprovem os resultados parciais das aprendizagens dos alunos, podendo ter de reajustar ou modificar o processo de ensino consoante o ritmo de aprendizagem dos mesmos. (Muñoz, 1990 cit por Lopes, 2011)

No decorrer da UD a avaliação formativa apresentou um carácter contínuo e informal, incidindo em três domínios: o psicomotor, o cognitivo e o socio afetivo.

O primeiro domínio foi registado após todas as aulas, num espaço próprio inserido no plano de aula, tendo como base de observação a prática efetiva dos alunos, utilizou uma escala de 5 classes que se convertem em numeração de 1 a 5. (1- Mau; 2- Insuficiente; 3- Suficiente; 4- Bom; 5- Muito Bom). (Anexo III)

Para avaliar o domínio cognitivo o método mais utilizado foi o questionamento e teve como princípio de avaliação os conhecimentos específicos da modalidade como a segurança,

os equipamentos, a terminologia adequada e os critérios de êxito de alguns elementos técnicos, esse registo utilizou a mesma escala do domínio psicomotor.

O domínio socio afetivo careceu da utilização de uma tabela de registo tal como o domínio psicomotor onde os alunos foram avaliados segundo o seu comportamento no decorrer da aula.

O facto de recolher este tipo de informações, precedentes da avaliação formativa, fez com que ajustássemos o processo de ensino, pois ao analisarmos a resposta dos alunos aos estímulos motores propostos, podemos ajustar as aulas seguintes na medida em que, caso fosse necessário, um exercício que não tenha surtido sucesso, poderia ser trabalhado de forma distinta ou caso houvesse uma boa resposta por parte dos alunos este seria mantido ou até introduzidas variantes de dificuldade.

Durante a AD foram poucas as informações que recolhemos, tal como relatado anteriormente, assim a AF foi imprescindível para avaliar os diferentes ritmos de aprendizagens dos alunos e adaptar os objetivos definidos para cada um deles.

Após a análise da resposta dos alunos às aprendizagens optámos por adaptar e ajustar os objetivos prognosticados para duas das alunas, uma por motivo de lesão e estar abrangida por atestado médico durante 2 semanas e outra por observarmos que o seu ritmo de aprendizagem era inferior aos dos restantes elementos da turma, pois a sua resposta perante exercícios iguais era inferior no que se refere aos critérios de êxito de cada exercício.

3.1.1.4.3- Avaliação Sumativa

“A avaliação sumativa pretende ajuizar do progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem, no sentido de aferir resultados já recolhidos por avaliações do tipo formativo e obter indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino.” (Ribeiro, 1999 cit. por Simões, 2012)

Esta avaliação permite ao professor verificar se a sua estratégia de ensino deteve um valor positivo no que respeita à aquisição de novas aprendizagens por parte dos alunos, bem como verificar se os objetivos prognosticados a nível individual foram alcançados.

Os alunos são classificados após um período de aprendizagem, em conformidade com o seu nível de aproveitamento, sendo o resultado expresso através de uma escala numérica de 1 a 5 valores. (Simões, 2012)

A avaliação das Habilidades Desportivas (75%) da UD de patinagem foi realizada na última aula sendo utilizada a tabela construída para a AD, que apresentava a observação dos conteúdos exigidos pelo nível introdutório. Como o ensino foi diferenciado para dois níveis distintos, fazia sentido também diferenciar a avaliação sumativa pelo que foi construída outra tabela com os conteúdos trabalhados por esse grupo ao longo das aulas, que integram parte do nível elementar exigido pelas metas de aprendizagem.

Para a avaliação dos conteúdos foram realizadas tarefas que os alunos já haviam executado em contexto de aprendizagem, essas tarefas foram organizadas em forma de circuito técnico, para que a sua observação e registo fossem facilitados.

Com intenção de avaliar os Conhecimentos (15%) foi realizado um teste sumativo que integrava matéria referente às duas modalidades abordadas no 2º período e à matéria teórica (estilos de vida saudável e promoção para a saúde e vantagens do exercício físico regular).

As Atitudes (10%) foram avaliadas através do cálculo da média dos registos efetuados durante a avaliação formativa referentes a este domínio.

Para o cálculo da classificação final, respeitando os critérios de avaliação e os seus diferentes fatores de ponderação, foi utilizada a seguinte fórmula, definida pelo grupo de EF:

$$(((\text{HD Patinagem} \times 0,5) + (\text{HD Futsal} \times 0,5)) \times 0,75 + (\text{Teste} \times 0,15) + (\text{Atitudes Patinagem} + \text{Atitudes Futsal}) / 2 \times 0,1))$$

3.1.2- 3º Ciclo do Ensino Básico

3.1.2.1- Caracterização da Turma

Como referimos anteriormente o processo de caracterização da turma é bastante relevante no que se refere à adequação do planeamento e da ação pedagógica do professor. A recolha dos dados da caracterização da turma podem demonstrar aspetos da personalidade e gostos pessoais dos alunos, que por sua vez se tornam fundamentais para a estruturação do planeamento das aulas e do ano letivo de uma forma geral.

Estas informações foram recolhidas inicialmente através da aplicação de uma ficha de caracterização individual, dividida em 6 categorias: dados pessoais, composição do agregado familiar, situação escolar, saúde e hábitos de alimentação e higiene, educação física e como se define. Mais tarde e integrado no trabalho de acessoria à diretora de turma foi realizada uma ficha individual de cada aluno para inserir no dossier de turma, onde foram acrescentadas informações sobre o encarregado de educação, os tempos livres e o futuro. Após a análise e cruzamento dos dados recolhidos foi realizada uma ficha resumo da caracterização dos dados da turma (Anexo IV).

O 7ºA era composto por 19 alunos, contudo no início do ano letivo apenas incluía 15 deles, existindo ao longo do ano letivo 4 novas entradas. Dos 19 alunos, 10 eram rapazes e 9 raparigas que se encontravam num intervalo de idades entre os 13 e os 15 anos.

Existiam na turma 4 alunos com PEI, contudo o ensino prático não careceu de adaptações, sendo apenas ajustado ao grupo nível que integravam, já a avaliação teórica necessitou de ajustes e variantes de facilidade onde as questões múltiplas, ligações e completamento de espaços foram situações privilegiadas. Destes 4 alunos, 3 estavam sinalizados por apresentarem défices de atenção e concentração e a quarta aluna por lhe ter sido diagnosticado autismo. Esta apesar da sua patologia era uma aluna que demonstrava boa capacidade de memorização e bom desempenho perante situações que a agradassem e lhe despertassem interesse, contudo e por ser um aluna com os seus estereótipos e histerias foram evitados episódios de exposição perante a turma e o seu trabalho foi realizado em

grupos em que esta se sentia confortável, evitando assim os seus comportamentos inapropriados.

No início do ano letivo um aluno encontrava-se abrangido por atestado médico por ter sido exposto a uma cirurgia ao joelho, porém e através de uma conversa com o EE e o respetivo consentimento médico este começou a realizar aulas prática com bastante precaução, onde das suas tarefas fazia parte o auxílio do professor e exercícios de reforço do membro lesado.

De forma geral e avaliando as prestações motoras dos alunos a turma era heterogénea, pois na maioria das UD o trabalho foi realizado por dois grupos nível, existindo normalmente um grupo não introdutório (NI) que apresentava ritmos mais lentos de aprendizagem e comportamentos motores mais deficientes e um grupo introdutório (I) que apresentava bom domínio motor e facilidade em aquisição de novas aprendizagens.

Relativamente ao ambiente inter-relacional, a turma evidenciou-se bastante unida e capaz de manter um clima bastante saudável existindo interajuda, cooperação e compreensão.

3.1.2.2- Princípios Base

O professor deve ter consciência que é o principal responsável por potenciar o processo ensino-aprendizagem e para isso deve reger-se por princípios que levem a desenvolver uma prática pedagógica de sucesso.

(Oliveira, Sartori, & Laurindo, 2014) referem que o professor deve:

- Sustentar as suas decisões com base literária, recorrendo a pesquisa frequente;
- Recolher dados que comprovem a eficácia do processo de ensino-aprendizagem;
- Refletir sobre as diferentes fases do processo de ensino, ou seja, o planeamento, a condução do ensino e a avaliação;
- Escolher e organizar antecipadamente os recursos materiais a utilizar;
- Utilizar estratégias pedagógicas que estimulem a aprendizagem dos alunos;
- Descrever práticas pedagógicas recorrendo a registos;
- Avaliar os alunos nas suas diferentes dimensões (cognitiva, afetiva, biológica e motora);
- Entregar os resultados das avaliações aos alunos e aos seus encarregados de educação de modo a apresentar um feedback do desempenho;
- Promover hábitos de vida ativa e saudável junto dos alunos;
- Proporcionar experiências práticas sustentadas de conhecimento teórico de modo a promover a participação autónoma e segura dos alunos;
- Respeitar os princípios da individualidade;
- Relacionar, sempre que pertinente, a disciplina com outras áreas de conhecimento;
- Transmitir o valor expressivo da conservação da EF nos currículos.

Além destes princípios, enunciados pelos autores, também fizeram parte:

- Sequência de tarefas, iniciando do mais fácil para o mais difícil e do mais lento para o mais rápido;

- Repetição sem repetição, repetir movimentos motores ou ações táticas sem recorrer necessariamente aos mesmos exercícios;

Durante a prática pedagógica foi adotado o modelo de ensino por blocos sendo este o modelo pelo qual o grupo de EF do Colégio se rege, que consiste na abordagem de um conjunto de aulas sobre a mesma matéria desportiva onde as aprendizagens são concentradas.

3.1.2.3- Planeamento

“O planeamento de ensino é uma construção orientadora da ação docente, que como processo, organiza e dá direção à prática coerente com os objetivos a que se propõe.” (Bossle, 2002)

O planeamento é imprescindível para que a ação docente seja eficaz, pois é através dele que o professor pensa toda a sua atividade pedagógica.

O professor que planeia antevê, seleciona, reflete, organiza e toma decisões, de forma fundamentada, sobre o seu processo de ensino, mais propriamente, sobre os objetivos a atingir, conteúdos a abordar e estratégias e métodos a adotar.

Durante o estágio pedagógico esta foi a dimensão mais trabalhosa exigindo uma pesquisa aprofundada sobre os métodos adequados para a construção do planeamento nas suas diferentes dimensões.

Apesar das outras dimensões se revelarem fundamentais para o sucesso do ensino, esta é o primeiro passo para que haja um ensino de êxito. A carga horária destinada ao planeamento foi bastante elevada (cerca de 75% do trabalho desenvolvido ao longo do EP), pois o professor deve preparar meticulosamente todo este processo.

Segundo (Bossle, 2002), o planeamento do ensino organiza-se consoante as necessidades e pode ser dividido em plano de disciplina que é o plano que se faz para um ano ou semestre, plano de unidade que diz respeito a uma unidade de trabalho e plano de aula que é especificação do ensino em sala de aula.

Também nós dividimos o planeamento nestas três dimensões: o plano anual, unidades didáticas e o plano de aula. Consideramos importante esta divisão porque são processos distintos onde o professor deve utilizar diferentes métodos e estratégias.

Antes de avançar para a pormenorização deste processo julgamos importante distinguir o termo planeamento de plano, pois são termos semelhantes que acabam por ser distintos.

(Bossle, 2002) refere-se ao planeamento como decurso de reflexão, racionalização, organização e coordenação da ação docente articulada ao contexto escolar e social da população alvo, por outro lado define o plano como o resultado desse processo.

3.1.2.3.1- Plano Anual

“A elaboração do plano anual constitui o primeiro passo do planeamento e preparação do ensino e traduz, sobretudo, uma compreensão e domínio aprofundado dos objetivos de desenvolvimento da personalidade, bem como reflexões e noções acerca da organização

correspondente do ensino no decurso de um ano letivo” (Bento, 2003 citado por Cardoso, 2014)

O plano anual tem como intuito orientar o professor, na tentativa de criar um documento que englobe um conjunto de informações importantes, que permitam o bom desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

A elaboração deste documento foi realizado pela professora estagiária e teve como principal objetivo construir um documento capaz de orientar o processo de ensino-aprendizagem, onde foram tomadas um conjunto de decisões estratégicas para garantir o sucesso dos alunos na disciplina.

Outro dos objetivos desta planificação foi construir um processo coerente e articulado, através da definição de objetivos gerais e específicos para a turma, da seleção de conteúdos a abordar ao longo do ano letivo, da definição de estratégias de ensino, bem como de momentos e metodologias a utilizar durante a avaliação.

Durante a conceção deste documento desejámos tomar as decisões mais acertadas, de maneira a construir um guião do ensino viável que contivesse informações e recursos fundamentais.

A produção deste documento teve início em Setembro, antes do início do ano letivo, onde foi realizada uma análise do Projeto Educativo do Colégio e recolhidas informações significantes.

Iniciámos por uma breve caracterização do Colégio, que se revelou essencial para o desenvolvimento da nossa componente ética-profissional enquanto integrantes do corpo docente do mesmo.

Avançámos para a caracterização da disciplina, nomeadamente, carga horária e recursos disponíveis à sua prática.

Após a atribuição da turma pela qual ficaríamos responsáveis, foi possível através da articulação do calendário anual para o presente ano letivo, do plano anual de atividades do Colégio e do horário da turma, apurar o número de aulas disponíveis para a Educação Física ao longo do ano letivo.

Como já referenciámos anteriormente, o grupo de EF trabalha numa perspetiva de continuidade de matérias e adota o modelo de ensino por blocos. Posto isto, e sabendo que iríamos ficar responsáveis pela turma A do 7º ano, percebemos que as matérias a abordar seriam:

Tabela II: Componente prática e teórica a abordar no 7ºAno;

Período	Componente Prática	Componente Teórica
1º	Fitnessgram, Atletismo e Basquetebol;	Educação Física e desporto; Desporto e Rendimento; Desporto e Recreação;
2º	Voleibol e Judo;	Exercício Físico e Repouso;
3º	Fitnessgram, Ginástica de Solo e Aparelhos e Badminton.	Desporto e suas práticas no futuro; Exercício e suas práticas.

A maioria dos grupos de EF necessita de recorrer ao sistema “*roulement*” para organizar o funcionamento da disciplina consoante a abordagem das diferentes matérias e os espaços disponíveis, contudo e como os horários são construídos de modo a que apenas hajam dois professores a lecionar em simultâneo o grupo não considera necessária a construção do mesmo, pois no início de cada período os professores que coincidem entre si, articulam-se de modo a que não surja nenhum imprevisto no que respeita ao espaço de aula.

Após o início do ano letivo passámos ao estudo das características da turma, estudo esse que teve como instrumento de recolha de dados um questionário aplicado na primeira aula do ano letivo. Como ao longo do ano ingressaram mais quatro alunos para a turma a aplicação deste questionário foi sempre realizada na primeira aula dos mesmos, atualizando a caracterização de turma. A aplicação do questionário permitiu-nos ter uma visão mais aprofundada de cada aluno em específico, e da turma em geral.

Além da recolha destes dados, antes do ano letivo iniciar, estabelecemos o diálogo com o orientador cooperante, que havia sido o professor da turma no ano anterior e com a diretora de turma que também acompanhava a turma desde o ano anterior. Aí recolhemos, de forma informal, algumas informações importantes sobre as características de cada aluno como as suas condutas, relações familiares, problemáticas, etc.

O facto de percebermos que a turma incluía uma aluna com NEE exigiu que existisse uma caracterização mais pormenorizada da mesma, caracterização essa que foi conseguida através do diálogo e da disponibilização do PEI pela professora de educação especial.

O passo seguinte foi a definição de objetivos que teve como base de sustentação os resultados obtidos nas AD de cada UD em específico. Os objetivos foram estabelecidos consoante as capacidades dos alunos, onde pretendemos ser realistas e flexíveis permitindo assim o ajuste dos mesmos sempre que necessário.

Também o processo de divisão da avaliação e métodos utilizados foram integrados no plano anual, pois são momentos fundamentais do processo de ensino que o encaminham consoante a análise dos seus resultados.

Importa referir que de modo a respeitar o que se encontra definido pelo grupo de EF, as avaliações diagnósticas de cada modalidade realizam-se no início de cada período antes da abordagem das mesmas, ou seja, os dois blocos de matéria que seriam alvo de intervenção em cada período eram avaliados no início da sua abordagem, sendo os blocos do período seguinte apenas avaliados no início do seguinte período. A AF foi realizada ao longo do ano letivo através do registo das prestações diárias e do comportamento. Por fim, a AS foi realizada nas últimas aulas da UD recorrendo às tabelas de registo.

Por último pretendemos definir algumas estratégias de intervenção nas quais nos apoiámos durante a condução do ensino, mais propriamente sobre as dimensões de instrução (momentos e formas), de gestão (tempo, material e turma), de clima e de disciplina.

Em suma, podemos definir o plano anual como um guião do processo de ensino, específico para cada turma, onde são agrupados elementos fundamentais que ajudam o professor a

conduzir a sua prática pedagógica, sendo importante referir que este deve ser flexível e ajustado sempre que as informações recolhidas assim o exijam.

3.1.2.3.2-Unidades Didáticas

“A preparação e organização das Unidades Didáticas têm como objetivo um ensino apropriado e uma aprendizagem eficaz, que vão em busca de garantir uma sequência lógica e metodológica da matéria, organizando as atividades tanto do professor como dos alunos. Também a ação docente é encaminhada pelo que na construção das UD concede-se a cada aula uma função específica para a evolução dos alunos”. (Bento, 1998 citado por Coelho, 2012)

Analisando a citação anterior podemos afirmar, que a construção da UD de cada matéria deve ser cuidada e rigorosa, pois apresenta-se como fundamental no processo de planeamento, fornecendo ao professor as principais linhas orientadoras que irão guiar a sua prática pedagógica.

A elaboração das UD teve como ponto de partida a análise da avaliação diagnóstica, que foi realizada antes da abordagem de cada bloco de matéria.

Para a construção de todas as UD utilizámos o modelo estrutura do conhecimento (MEC), proposto por Vickers (1989), por considerarmos ser um documento bastante completo por estar dividido em 8 módulos que permitem ao professor recolher informações importantes para a abordagem de qualquer modalidade. A construção destes módulos desencadeia 3 fases muito importantes, são elas a análise, a decisão e a aplicação. (Vickers,1989).

Para que fossem propostos objetivos tangíveis aos alunos, foi importante balancear e refletir sobre os resultados obtidos nas AD e as metas de aprendizagem propostas para o 7º ano. (Anexo V)

A construção do módulo 4 (extensão e sequência de conteúdos) deteve um papel fundamental na organização da ação pedagógica de cada modalidade, pois a definição de etapas de ensino, de conteúdos a abordar e dos objetivos a atingir em cada aula, permitiu que existisse uma lógica de continuidade e focalização nos objetivos a atingir.

O quadro de extensão e sequência de conteúdos englobou o domínio cognitivo, socio-afetivo, capacidades condicionais e coordenativas e conteúdos técnicos e táticos. (Anexo VI)

Sempre que a análise e reflexão das AD revelou heterogeneidade nas prestações e conteúdos assimilados pelos alunos, a turma foi dividida em grupos nível, sendo estabelecidos objetivos específicos e distintos para cada um deles.

As decisões tomadas ao longo da construção das UD foram sempre relatadas num documento justificativo das mesmas.

Ao longo de cada UD tivemos o cuidado de avaliar e refletir sobre o ritmo de aprendizagem dos alunos aliado aos objetivos propostos no planeamento. Cientes do princípio de flexibilidade do planeamento, sempre que necessário realizámos alterações ao mesmo, tanto na inserção de novos objectivos como na sua eliminação.

No final de cada UD foi realizada uma reflexão crítica onde foram apontados aspetos, positivos, negativos e a melhorar, no sentido de realizar um balanço da intervenção na UD, verificando a adequação do planeamento à turma e propondo estratégias de melhoria.

3.1.2.3.3- Plano de Aula

A convergência do pensamento e da ação do professor decorrem durante a aula propriamente dita. A aprendizagem dos alunos depende da forma de organização e estruturação da aula. (Bento, 1987, citado por Quina, 2007)

O mesmo autor, referencie-se (Quina, 2007), aponta que a aula deve adotar um modelo tripartido, dividindo-se em:

- Parte inicial, que tem como objetivo criar um clima pedagógico favorável e preparar o organismo do aluno para a atividade física;
- Parte intermédia, onde são introduzidas, trabalhadas e assimiladas as matérias a abordar, bem como exercitadas as capacidades motoras coordenativas e condicionais;
- Parte final visa o retorno à calma.

O plano de aula foi construído e utilizado como ferramenta facilitadora da intervenção docente, sendo introduzidos aspetos fundamentais no seu conteúdo que garantissem uma condução organizada da aula.

A construção da estrutura do plano de aula necessitou de bastante pesquisa e tempo, para que não fosse descurado nenhum aspeto fundamental.

De um modo geral, o plano dividiu-se em 5 janelas de informação: (Anexo VII)

1ª- Informação respeitante ao nº de aula, dia, nº de alunos, sumário, objetivos a atingir, função didática e recursos materiais necessários;

2ª- Plano de aula propriamente dito, que apresentava informações referentes às tarefas a realizar, objetivos específicos, critérios de êxito, tempo parcial e total das tarefas e organização metodológica das mesmas;

3ª- Informação sobre a avaliação formativa individual;

4ª- Grupos de trabalho, onde o professor constituiu os grupos de trabalho, tarefa que auxiliou na gestão do tempo e na organização rápida da turma;

5ª- Observações onde foi inserida informação pertinente para a condução da aula, como organização de exercícios no espaço de aula, transições, adaptações a exercícios e tabelas de jogos.

Para que estimulássemos os processos cognitivos dos alunos, sempre que possível, o ensino foi realizado através da inserção dos mesmos em contexto real, ou seja, os alunos estavam em situação de jogo a aprender os gestos técnicos que este contexto lhes exigisse. Muitas vezes o facto de errarem em situação de jogo permitiu ao próprio aluno analisar o porquê dessa situação e aprender com a mesma, o que levou a que ensinássemos os alunos a pensar e não só a cumprir o que lhes era exigido, trabalhando assim os aspetos táticos.

O recurso a situações lúdicas e formas jogadas deteve um papel primordial nos planos de aula para que fosse estimulado o gosto e motivação pela EF, pois os alunos trabalhavam

habilidades motoras e situações de jogo através do recurso ao lúdico e à experimentação de brincadeiras que estimulavam o prazer e interesse.

O plano de aula, sempre que necessário, continha tarefas de aula adequadas ao nível individual dos alunos para uma melhor organização da turma e de modo a responder às necessidades específicas dos alunos.

3.1.2.4- Condução do Ensino

Assumindo que anteriormente já foi esclarecido o conteúdo que deve integrar este ponto, pretendemos apenas realizar uma distinção dos métodos utilizados no ensino do 3º ciclo, diferenciando as respetivas dimensões que o constituem.

3.1.2.4.1- Dimensão Instrução

Baseando-nos na lógica que a instrução é o meio de comunicação entre o professor e o aluno esta detém um papel fundamental na transmissão de conhecimento.

O professor pode recorrer a variadas formas/técnicas de instrução para transmitir a informação ao aluno, adequando a sua forma e o momento à situação.

Os momentos e formas de instrução mantiveram-se os mesmo que utilizámos no 2º ciclo, contudo e tal como refere a literatura o professor deve adaptar a sua prática pedagógica adequando o ensino aos ciclos em que se insere.

O principal aspeto que diferenciámos nesta dimensão foi a explicação dos exercícios através do recurso a um vocabulário mais rico no que respeita à exigência de termos técnicos e específicos de cada modalidade e da EF em geral, pois os alunos já evidenciavam conhecimentos específicos da disciplina e das modalidades pelo que decidimos continuar a estimular esses conhecimentos, nomeadamente relacionados com a regulamentação das modalidades, gestos técnicos, músculos implícitos e as capacidades físicas.

A disciplina, sempre que pertinente, foi relacionada com outras áreas disciplinares esclarecendo os alunos em alguns processos mais complexos do corpo humano ou de gestos técnicos implícitos no decorrer das aulas, como por exemplo com a saúde, nutrição, anatomia, etc.

Como neste nível de ensino já fazem parte das aprendizagens a compreensão e aplicação de alguns esquemas táticos nos JDC, e para que a instrução fosse rápida e de fácil compreensão, utilizámos o recurso a esquemas táticos em papel ou quadro, onde foram explicadas as movimentações pretendidas. Esta forma de instrução revelou-se bastante eficaz do ponto de vista da assimilação dos conteúdos por parte dos alunos, bem como da gestão do tempo para a exposição das tarefas.

O FB continuou a ser utilizado com os diferentes propósitos de reforço e motivação, de descrição e correção e de questionamento. Contudo este também acompanhou a evolução do ciclo de ensino e as expressões utilizadas foram mais específicas e direcionadas para elementos particulares da matéria em questão.

Como a maturidade e consciencialização dos alunos é superior, muitas das vezes o FB foi substituído por expressões corporais alusivas a potenciar determinados comportamentos, como é o exemplo do recurso a expressões faciais para receber atenção ou a adoção de posturas e gestos de satisfação e insatisfação.

3.1.2.4.2- Dimensão Gestão

Considerando que esta dimensão envolve todos os métodos que o professor utiliza para melhorar a gestão do tempo, espaços, materiais e do grupo de trabalho é importante referir que, mais uma vez foram utilizados os métodos já descritos no ensino do 2º ciclo.

Como a intervenção pedagógica no 3º ciclo decorreu ao longo de todo o ano letivo foi aqui que estabelecemos o primeiro contacto com esta dimensão, pelo que foram sentidas mais dificuldades que no 2º ciclo, pois ainda não detínhamos um método de gestão adequado à realidade devido à inexperiência.

A gestão, em todas as suas dimensões, apresentou-se desde logo como um parâmetro a melhorar ao longo de todas as aulas.

A falta de métodos e formas de organização da turma fez com que, por vezes, os alunos estivessem um pouco perdidos no espaço de aula, não no decorrer das tarefas propostas, mas sim na transição de exercícios. Para isso foram implementadas estratégias de organização que se tornaram rotinas e com o decorrer das aulas os alunos foram assimilando.

A gestão do tempo foi melhorando com a prática efetiva, pois ao aperfeiçoar as outras dimensões da gestão, o tempo de prática aumentou, bem como domínio dos tempos parciais de exercícios. Através da análise momentânea da relação entre os objetivos pretendidos e a resposta dos alunos aos exercícios propostos fez com que, por vezes, o tempo de prática e os exercícios fossem ajustados.

A estratégia para melhorar a organização dos materiais e tarefas de aula passou por inserir essa informação no plano de aula de maneira a tornar os períodos de organização e transição de exercícios mais curtos.

Com o objetivo de tornar os períodos de transição mais curtos e aumentar o tempo de aprendizagem, foram vários os episódios em que os alunos estiveram responsáveis por colocar os materiais nos locais indicados pelo professor, já no que toca à sua arrumação desde o início que lhes foi inculcida essa responsabilidade.

A organização e definição dos grupos de trabalho revelou-se um aspeto essencial, reduzindo o tempo de organização da turma.

Em suma, o método adotado que permitiu uma gestão mais apropriada e eficaz foi a utilização de um plano de aula bastante descritivo, onde foi criada, antecipadamente, uma imagem mental do decorrer de toda a aula, sendo prevenidas situações imprevistas.

3.1.2.4.3- Dimensão Disciplina

Esta dimensão foi a “mais temida” antes do início do ano letivo, pois sabíamos que esta detém grande influência nas restantes dimensões, podendo o processo de ensino-aprendizagem ser “dominado” pelos alunos, caso não a controlássemos.

A disciplina implica o cumprimento de regras comportamentais e de convivência, sendo o professor o principal responsável por definir estratégias que permitam o controlo da turma. A definição de regras comportamentais claras e objetivas e a maximização do tempo em que o aluno se encontra em atividade são exemplos de estratégias que evitam os comportamentos inapropriados. (Piéron, 1984 citado por Coelho, 2012)

As regras de funcionamento da disciplina foram explicadas na primeira aula e frisadas sempre que necessário abrangendo questões de assiduidade e pontualidade, equipamento, condutas e arrumação do balneário, objetos pessoais, participação na aula, respeito pelos intervenientes, material desportivo e higiene e hidratação.

Nas primeiras aulas foi adotada uma postura mais rígida de condução do ensino para que fosse percecionado pelos alunos que o incumprimento das regras não seria uma opção ou caminho a seguir. Esta opção teve como principal objetivo a garantia da disciplina no decorrer das aulas.

Com a observação do cumprimento dos alunos face às regras estabelecidas e conseqüente respeito mútuo, a postura “autoritária” foi sendo substituída pela criação de uma imagem de respeito e confiança, onde o diálogo foi o principal condutor do ensino. É importante que o professor faça este transfere de postura, para que não seja criado um clima de tensão constante durante da aula, e o aluno demonstre gosto e interesse pela mesma.

Como durante o ano letivo, foram integrados na turma quatro novos alunos, a postura inicial do professor foi a mesma referida anteriormente alterando-a assim que os alunos demonstrassem condutas corretas.

Mais uma vez, o facto de utilizar um planeamento bastante descritivo fez com que os alunos se mantivessem a maioria do tempo de aula em atividade o que minimizou o surgimento de comportamentos inapropriados.

De relembrar que nesta turma estava inserida uma aluna com diagnóstico de comportamentos de autismo, pelo que por vezes existiram episódios de alguma histeria, onde o principal método de a tranquilizar foi o recurso ao diálogo calmo e assertivo.

De modo geral, a turma demonstrou-se bastante cumpridora e respeitadora das condutas impostas desde o início do ano letivo, pelo que foram raros os episódios em que existiram comportamentos inapropriados que exigiram intervenção de carácter punitivo.

3.1.2.4.4- Dimensão Clima

Sendo esta uma dimensão que abarca as relações pessoais estabelecidas, é de extrema importância que se crie um clima positivo desde logo, pois caso isso não aconteça é bastante difícil reverter a situação.

Criar um ambiente de respeito mútuo, credibilidade e confiança foram os aspetos impulsionadores para que se estabelecesse um clima positivo no decorrer das aulas.

A utilização do diálogo positivo e construtivo perante situações de insucesso foi promotor da motivação dos alunos perante a disciplina.

O respeito e confiança foram estabelecidos através da demonstração de credibilidade, assertividade e abertura para dialogar e abordar situações do interesse dos alunos, onde estes se sentiam apoiados pelo professor, maioritariamente sobre a sua vida pessoal, problemas escolares e vida desportiva fora da escola.

O apelo a alterações de comportamentos foi, muitas das vezes, realizado de forma individual recorrendo ao diálogo, com a intenção de perceber os motivos impulsionadores dessas atitudes e estabelecer compromissos de mudança. Estes compromissos estabelecidos foram, sem dúvida, uma boa estratégia de abolição dos comportamentos inapropriados e da criação dos laços de confiança mútuos.

Ao longo do ano letivo o clima criado foi positivo, acompanhando o crescimento e controlo das outras dimensões, ou seja, à medida que existiu maior domínio sobre as outras dimensões (instrução, gestão e disciplina) o clima foi sendo cada vez mais positivo.

O sucesso desta dimensão permitiu ao professor estar mais focado no processo de ensino.

3.1.2.5- Avaliação

Por já ter sido referenciada a importância do processo de avaliação e distinguidas as diferentes fases e momentos que a integram (vide páginas 13, 14 e 15), essa informação não será replicada, pois neste ciclo de ensino foram aplicados os mesmos conceitos.

Importa referir que o professor apenas tirará proveito desta etapa, se adotar uma postura crítica e reflexiva sobre a sua intervenção pedagógica, assim a análise e reflexão sobre todo este processo é a chave da evolução.

Ao longo do ano letivo adotámos essa postura autocrítica e reflexiva, objetivando o progresso constante, bem como a adaptação do processo de ensino aos acontecimentos observados.

Para que a avaliação fosse realizada com o devido rigor e critério, foram construídos instrumentos de avaliação a aplicar nos diferentes momentos.

3.1.2.5.1- Avaliação Diagnóstica

A avaliação diagnóstica precede o início de um ciclo de aprendizagem, tendo como objetivo determinar as capacidades e dificuldades dos alunos nas diferentes matérias a abordar nesse mesmo ciclo. (Quina, 2007)

Por considerarmos a avaliação inicial um período decisivo para a orientação de todo o trabalho do ano letivo, foi construído pela professora estagiária um protocolo de avaliação inicial, com o intuito de criar situações que permitissem não só diagnosticar o nível inicial de cada aluno, mas também prognosticar as suas possibilidades de evolução. (Anexo VIII)

Nesse documento foram integradas as linhas orientadoras desta avaliação, ou seja, estavam definidas as situações de avaliação em cada modalidade, os métodos de avaliação e atribuição de cada nível, o método de aplicação, observação e registo de avaliação e as grelhas de AD com objetivos específicos de cada modalidade.

Na construção das grelhas de AD (Anexo IX) foram considerados os objetivos específicos mais representativos do nível introdutório, pois e por estarmos perante uma turma de 7º ano, onde na maioria das modalidades é exigido que alcancem o nível elementar, caso o aluno cumprisse todas as situações do nível avaliado este estaria apto para trabalhar situações do nível seguinte (parte do elementar ou elementar).

Esta avaliação foi realizada nas primeiras aulas de cada UD e assentou sobre o domínio cognitivo e psico-motor. O primeiro domínio foi avaliado de forma informal através do questionamento de alguns aspetos relativos à modalidade. O domínio psico-motor foi avaliado através da observação direta das prestações individuais dos alunos em situações de jogo formal e/ou reduzido e/ou exercício critério, consoante os elementos a observar.

Após a análise dos resultados obtidos através desta avaliação foram identificados os níveis de aprendizagem iniciais de cada aluno.

Para que o professor responda às necessidades de todos os alunos, uma vez que nem todos aprendem do mesmo modo, ao mesmo ritmo ou com o mesmo método de ensino, sempre que foram detetadas diferenças significativas nas aprendizagens já adquiridas por parte dos alunos, a turma foi dividida em grupos nível, ajustando os objetivos a atingir às necessidades de cada aluno ou grupo de alunos. (Anexo V)

O professor estabeleceu e estruturou, com base nos dados recolhidos na AD, o processo de ensino de cada modalidade, definindo todo o processo a seguir e estratégias a aplicar para atingir os níveis prognosticados.

3.1.2.5.2- Avaliação Formativa

Este tipo de avaliação seguiu a metodologia adotada para o 2º ciclo, incidindo nos mesmos domínios e adotando os mesmos sistemas de observação e registo, manteve-se igual por serem observadas as mesmas dimensões (domínio motor, psicossocial e socio afetivo).

A recolha dos dados, precedentes desta avaliação, auxiliou-nos no ajustamento do planeamento e processo de ensino, isto porque esta avaliação tem um carácter contínuo que integra um maior número de momentos de avaliação, permitindo ao professor apurar com maior facilidade os diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos ao longo do processo de ensino.

Existiram modalidades em que os dados recolhidos pela avaliação formativa levaram ao reajuste dos objetivos prognosticados. Esses reajustes foram tanto ao nível da inserção de novos objetivos, pela observação de resposta positiva por parte do aluno/grupo de alunos, como na abolição dos mesmos, por verificarmos que os alunos não estariam preparados para os trabalhar, por exemplo na modalidade de atletismo ajustámos os objetivos prognosticados

para a disciplina de estafetas por observarmos uma boa resposta dos alunos às aulas face ao diagnosticado.

Por vezes tivemos alguma dificuldade em avaliar alguns alunos, pois estabelecíamos comparações com outros alunos da turma, contudo e com a experiência conseguimos avaliar os alunos consoante as suas prestações e objetivos finais a atingir.

3.1.2.5.3- Avaliação Sumativa

A avaliação sumativa tem lugar no final do ciclo de aprendizagem e o seu objetivo é formular um juízo de valor perante a obtenção de conhecimentos, competências, capacidades e atitudes dos alunos. (Quina, 2007)

Também esta avaliação seguiu os mesmos moldes da avaliação do 2º ciclo, pois os critérios de avaliação definidos pelo grupo de Educação Física do Colégio Andrade Corvo são iguais.

Como referido anteriormente, os critérios de avaliação e o seu peso perante a nota final, já se encontravam definidos pelo grupo de EF, assentando sobre os seguintes domínios: habilidades técnico-desportivas (75%), atitudes (10%), conhecimentos (15%) e desenvolvimento das capacidades físicas condicionais e coordenativas (fator de ponderação).

Para que a AS fosse eficaz, além da definição dos critérios de avaliação, foram necessários definir os conteúdos a avaliar e os instrumentos a utilizar.

A definição de conteúdos a avaliar baseou-se na interação entre os objetivos definidos pelo PNEF para este ano de escolaridade, os diferentes momentos de avaliação e os objetivos prognosticados. A partir dessa informação foram construídos os instrumentos de avaliação com base nos conteúdos a observar, caso existissem grupos nível as grelhas de AS estariam ajustadas à observação dos conteúdos para cada nível. (Anexo X)

Todos os domínios em avaliação foram classificados em 5 níveis: nível 1- mau, nível 2- insuficiente, nível 3- suficiente, nível 4- bom e nível 5- muito bom.

Para obter a classificação do domínio das habilidades técnico-desportivas, foi realizada a AS, predominantemente prática, dos elementos técnicos e táticos de cada modalidade. Essa avaliação decorreu nas últimas aulas de cada UD, sendo utilizadas tarefas que os alunos já haviam realizado durante as mesmas, esta lógica deve-se ao facto do processo de ensino-aprendizagem recair sobre as funções didáticas de transmissão, exercitação, consolidação e avaliação, ou seja, a avaliação apenas seria racional se os alunos já tivessem sido expostos aos estímulos solicitados.

O grupo de EF adota um método de avaliação sumativa, onde o professor apenas deve estar concentrado e preocupado com a avaliação da prestação dos alunos, pelo que esta avaliação é realizada a pequenos grupos de alunos de cada vez, onde os restantes permanecem à espera da sua vez.

Para avaliar do domínio cognitivo os alunos realizaram 3 testes escritos, um em cada período, denominados de provas trimestrais, onde as datas são definidas pela Direção do Colégio e lançadas no início do ano letivo, com o propósito de todas as turmas de 2º e 3º ciclo

realizarem a prova em simultâneo. Nenhuma das provas foi vigiada pelo professor da turma, pois as datas definidas não coincidiram com os dias em que a turma tinha EF. As provas foram elaboradas por nós e supervisionadas pelo professor cooperante, cada prova continha conteúdos de matéria teórica e prática correspondente às modalidades abordadas no respetivo período. No 1º período não foi feita qualquer adaptação ao teste escrito para os alunos com NEE, esta situação tencionou verificar a verdadeira necessidade de o fazer e foi estabelecida em conjunto com a professora de educação especial. Por verificar que esse aspeto deveria ser alterados, os testes escritos passaram a ser adaptados para os alunos com NEE, onde as principais alterações se prenderam com o recurso a respostas múltiplas, ligações e completamentos de espaços.

Como os testes escritos adotavam uma escala de 0-20 valores o grupo de EF tem definida uma fórmula de conversão desse resultado para uma escala de 1-5, encontrando-se todos os domínios categorizados em escalas iguais.

Objetivando determinar o nível relativo às atitudes foi determinada a média do comportamento, empenho, responsabilidade e autonomia de cada período, recorrendo aos dados recolhidos em cada aula. Essa classificação utilizou a mesma escala do domínio das habilidades técnico-desportivas.

Durante o 1º período, existiu um aluno que apresentou atestado médico de 1 mês e meio, devido a uma intervenção cirúrgica ao joelho. Devido à especificidade da disciplina, o grupo de EF tem definido os critérios de avaliação específicos para estas situações. Contudo e através do diálogo com o encarregado de educação do aluno, verificou-se que este se encontrava bastante desanimado perante a situação e em conjunto procurámos uma solução. Esta solução decorreu da autorização médica para a realização de esforços bastante reduzidos conjugados com exercícios de fortalecimento para o joelho. Após conversa e o consentimento do professor cooperante o aluno foi integrado nas aulas realizando exercícios adaptados e auxiliando na organização dos exercícios de aula.

Também os alunos que por alguma razão não realizavam aula prática estiveram perante controlo pedagógico tendo de realizar um relatório de aula referenciando aspetos importantes da mesma.

Após cada AS foi realizado um relatório avaliativo da mesma, onde foram analisados os aspetos metodológicos, a obtenção do sucesso ou insucesso nos conteúdos alvo de avaliação e os pontos fortes, fracos e a melhorar no processo de ensino- aprendizagem de cada UD.

3.1.3- Análise Reflexiva da Área I

Segundo (Departamento de Ciências do Desporto, 2016-2017) o professor estagiário ao intervir na área da organização e gestão do ensino e da aprendizagem deve, de modo geral, saber planear, realizar e avaliar o processo de ensino, já mais especificamente este refere que o professor-estagiário deve estar preparado para realizar uma intervenção eficaz, baseando-se em princípios pedagógicos sólidos e num conhecimento consistente da disciplina.

Esta área destaca-se pela exigência da preparação de todo o processo de ensino e processos que lhes são inerentes, como é exemplo a constante tomada de decisão. A organização e gestão do processo de ensino foi a área mais trabalhosa, exigente e compensadora, pois ao estar associada ao contacto direto com os alunos exigiu do professor mais formação, organização e preparação, para que este detivesse o controlo do processo.

O principal objetivo da intervenção nesta área foi conseguir através da organização e gestão do processo de ensino potenciar as capacidades técnico táticas dos alunos, inculcando-lhes o gosto pela disciplina e transmitindo-lhes os valores associados ao desporto. Consideramos que essa é a grande responsabilidade do professor, contrariando uma ideia de simples prescrição de exercícios que mantenham os alunos em atividade e não se preocupem com o interesse, a motivação, a aprendizagem e o bem-estar dos mesmos.

O professor deve ser conhecedor e entendedor de um conjunto de competências que levam ao sucesso dos alunos e em simultâneo transmitir credibilidade, segurança e autonomia.

Na nossa opinião a base do sucesso desta área passa pelo domínio do professor sobre os princípios pedagógicos a aplicar, as aptidões e competências a desenvolver e o sucesso das relações estabelecidas ao longo do ano letivo.

Ao longo do EP foram desenvolvidas inúmeras competências a nível da aquisição de conhecimentos profissionais, pessoais e científicos, nomeadamente no que se refere às relações interpessoais estabelecidas e aos conhecimentos técnicos e científicos adquiridos.

Desde logo começámos por adotar uma postura autocrítica e reflexiva perante o desenrolar de todo o processo, esta atitude demonstrou-se essencial na elaboração e reajuste de todo o exercício profissional.

Mais uma vez refletindo sobre a intervenção nesta área (organização e gestão do ensino e da aprendizagem) podemos destacar momentos de sucesso, insucesso e ajuste, mas sobretudo de aprendizagem contínua e efetiva. Os momentos de insucesso fizeram parte do nosso crescimento pois foi com o surgimento dos mesmos que tivemos de ter a capacidade de avaliar, ajustar, procurar, experimentar e finalmente crescer.

Para que a análise desta área seja coerente esta será discutida tratando as três grandes tarefas de intervenção do professor na mesma, ou seja, abordando a preparação (planeamento), a realização (condução do ensino) e a avaliação.

Centrando-nos no primeiro domínio, o planeamento, podemos afirmar que esta foi a dimensão em que mais crescemos, pois os nossos conhecimentos acerca da temática encontram-se bastante mais alargados.

Só um bom e pormenorizado planeamento trará êxito à atividade pedagógica, por isso esta foi uma área onde investimos bastante trabalho, de maneira a que nos tornássemos conhecedores de vários métodos e formas de estruturação do mesmo, traçando objetivos reais e tangíveis e definindo conteúdos e estratégias de ensino adequadas à nossa realidade.

Na base do planeamento tem de estar o conhecimento do professor sobre algumas variáveis fundamentais, sendo elas: o conhecimento dos currículos, dos conteúdos a abordar,

da avaliação inicial e dos objetivos a atingir. Apenas com o conhecimento e domínio destas variáveis o professor consegue delinear um caminho a seguir com cada aluno ou grupo de alunos.

Este processo despertou-nos grande curiosidade por considerarmos ser a base do desencadear do processo de ensino-aprendizagem, onde o professor é o principal responsável pelo traçar das linhas orientadoras pelas quais se irá orientar.

Por estarmos perante indivíduos diferentes, cada um com as suas especificidades e particularidades, foi importante desenvolver a capacidade de diferenciação pedagógica, ou seja, planejar consoante as especificidades de cada aluno, respondendo às suas necessidades. Assim, a ideia que o planeamento é geral e aplicado de igual modo para todos os alunos, independentemente das suas características, foi deixada de parte.

Desenvolvemos a capacidade de estruturar e sequenciar de forma lógica e integrada os diferentes conteúdos integrantes de cada modalidade favorecendo o desenvolvimento coerente dos domínios exigidos ao aluno.

No que respeita ao plano de aula, aprendemos que quanto mais descritivo este se apresentar, maior a probabilidade de evitar imprevistos e comportamentos inapropriados, pois um bom planeamento da aula requer a introdução de elementos chave que orientem o professor na sua intervenção (descrição e organização de exercícios, duração, transições, etc.) isso levará a um empenhamento motor elevado que por sua vez fará com que os alunos se encontrem mais tempo em atividade e inibirá os comportamentos inadequados.

A condução do ensino, apesar de ser uma dimensão onde o nosso contacto com a realidade já havia sido realizado anteriormente, foi igualmente uma dimensão onde desenvolvemos métodos e técnicas de intervenção adequadas e eficazes, mais propriamente no que se refere à organização da turma e transição de exercícios, pois como a nossa realidade estava associada ao Judo que utiliza pouco material e à Natação, onde o professor facilmente distribui o material que utiliza, esta realidade mostrou-se um pouco distinta pelo que tivemos de adquirir e adotar novas técnicas.

Inicialmente a organização e transição de exercícios despertou-nos algumas dificuldades no seu controlo, contudo e através do recurso a estratégias de organização e um planeamento mais preciso levou ao colmatar dessa situação.

A instrução foi sendo aperfeiçoada ao longo do ano letivo, pois o à vontade com o desempenho de funções de professor principal foi melhorando, bem como o domínio dos conteúdos e matérias a abordar. Este conhecimento de conteúdos leva a que o professor conheça as prestações corretas e consiga identificar com facilidade os erros à técnica, pelo que conseqüentemente, irá levar a uma transmissão do FB mais racional e eficaz.

O FB revelou-se uma ferramenta fundamental de apreciação, correção e avaliação do desempenho dos alunos.

O diálogo assertivo e coerente foi fundamental na criação de uma relação de respeito mútuo durante o ano letivo. Também a explicação de alguns fenómenos que poderiam gerar revolta ou controvérsia foi essencial para que o clima e disciplina de aula fossem saudáveis.

Como exemplo disso, foi importante o esclarecimento do trabalho por grupos nível, de modo a consciencializar e explicar a lógica dessa separação para que não existisse possíveis pensamentos de discriminação ou desvalor.

A adoção de uma postura atenta, disponível, credível, segura e autónoma despertou nos alunos sentimentos de segurança, confiança e credibilidade, o que foi fundamental para o êxito da intervenção pedagógica.

A avaliação também se revelou um processo bastante minucioso por recolher informações importantes relativamente ao desempenho dos alunos e à adequação do planeamento à realidade, sendo a principal ferramenta que o professor possuiu para verificar o sucesso ou insucesso do ensino- aprendizagem.

Mais uma vez o professor deve ser conhecedor dos conteúdos a abordar, procedimentos a seguir e técnicas de avaliação a utilizar, sendo fundamental que os momentos de avaliação sejam integrados no planeamento e utilizem formas de realização já conhecidas pelos alunos, pois as funções didáticas devem ser respeitadas e o aluno não deve ser exposto a situações de avaliação que nunca tenha exercitado.

Em suma, e analisando esta área podemos afirmar que desenvolvemos a capacidade de análise, reflexão e decisão, tornando-nos mais autónomos e conhecedores de todo o processo de ensino. Só um trabalho contínuo e pormenorizado por parte do professor levará a um ensino de qualidade e consequente aprendizagem dos alunos.

Também o adoção de uma relação de interajuda com o grupo de educação física foi fundamental para o desenvolvimento pessoal e profissional, pois tanto a reflexão conjunta como a partilha de experiências fez com que desenvolvêssemos práticas mais autónomas e eficazes.

3.2- Área II- Participação na Escola

As tarefas do professor de EF na escola são múltiplas pelo que a sua intervenção não se limita à atividade letiva.

O professor possui um conjunto de encargos relacionados com as tarefas de participação ativa na escola. Estas atividades envolvem dois âmbitos, o desporto escolar (de carácter sistemático) e a organização, implementação e avaliação de atividades de dinamização da escola (carácter episódico). (Carvalho, 2014)

Assim para que a nossa participação fosse ativa e integrada no meio escolar envolvemo-nos em atividades tanto no âmbito do desporto escolar como na promoção do dinamismo escolar.

De seguida será exposto o trabalho desenvolvido em cada um dos âmbitos bem como apresentadas as competências desenvolvidas ao contactar com esta área.

3.2.1- Academia de Judo

Segundo o (Direção Geral de Educação, 2013-2017) o desporto escolar é “ *o conjunto de práticas lúdico-desportivas e de formação com objeto desportivo, desenvolvidas como*

complemento curricular e de ocupação dos tempos livres, num regime de liberdade de participação e de escolha, integradas no plano de atividade da escola e coordenadas no âmbito do sistema educativo” acrescentando que este “deve basear-se num sistema aberto de modalidades e de práticas desportivas que serão organizadas de modo a integrar harmoniosamente as dimensões próprias desta atividade, designadamente o ensino, o treino, a recreação e a competição”.

Contudo, esta instituição não tem Desporto Escolar, por opção da Direção do Colégio, que sendo privado não usufrui de nenhum apoio para este projeto, por parte do Ministério da Educação, ao invés das escolas estatais. Face a esta realidade e através da articulação da Direção Escolar com o Departamento de Educação Física foi tomada a decisão de criar Academias que proporcionassem aos jovens uma experiência desportiva a um nível que não é desenvolvido nas aulas de Educação Física.

Desta forma, procurou-se que houvesse um acréscimo do tempo de prática dos alunos numa ou várias modalidades do seu leque de interesses, desenvolvendo não só competências técnico-táticas, mas também a condição física e proporcionando aos alunos a prática em diferentes contextos tal como o desporto escolar (ensino, treino e competição).

O Colégio neste momento tem 3 academias desportivas a funcionar: a de Natação, a de Futsal e a de Judo, contudo e em anos anteriores já teve a academia de Aventura que neste momento não se encontra a funcionar pela falta de alunos inscritos.

A nossa intervenção nesta área realizou-se dentro da Academia de Judo, importa referir que esta é a única academia que está filiada pela Federação Portuguesa da respetiva modalidade, isto porque o colégio decidiu fundar no ano 2012 um clube a ele associado, mais propriamente, o Clube de Judo Navegantes.

Assim, e ao exercermos funções num clube deveríamos estar cientes que esse contexto desportivo exige variados serviços no seu cotidiano como: inscrição e revalidação de atletas e clube, ministração dos treinos, acompanhamento a competições, divulgação do clube, etc. Desde logo quisemos estar associados a todas as funções que se desenrolam num clube, bem como na realização de tarefas contributivas para o bom funcionamento do mesmo.

A Academia de Judo tem 38 alunos inscritos distribuídos por 3 turmas, uma de 9 alunos com idades de 3 e 4 anos, outra com 13 alunos com idades de 5, 6 e 7 anos e a última turma com 17 alunos com idades compreendidas entre os 7 e os 10 anos.

A nossa intervenção ao nível do treino/ensino foi realizada com a turma dos 7 aos 10 anos, por ser a turma que realiza um trabalho mais específico ao nível da modalidade e já participa em torneios associativos.

Os treinos decorreram no tapete do Colégio dos Navegantes no Pólo do Entroncamento, às terças-feiras e quintas-feiras das 17h45m às 18h45m.

Durante o estágio pedagógico foram várias as tarefas que realizámos na Academia de Judo, nomeadamente: de planeamento, intervenção, acompanhamento a saídas, secretaria, contacto com encarregados de educação e elementos da Associação Distrital de Judo, construção de manuais teóricos e organização da festa final do clube.

3.2.1.1- Planeamento

Por termos realizado a nossa licenciatura no âmbito do treino desportivo sabemos que existem princípios de treino associados à formação e ao treino de jovens, princípios esses que tivemos presentes durante o planeamento, nas diferentes vertentes, da modalidade.

Apenas podemos considerar que falamos de treino de jovens a partir da etapa dos 6/7 anos, pois é a fase que se inicia a robustez das habilidades motrizes. (Confederação do Desporto de Portugal)

Na etapa dos 7 aos 11 anos são desenvolvidas as habilidades genéricas que dizem respeito ao esboço motor das técnicas desportivas, ou seja, nesta fase são desenvolvidas as habilidades fundamentais de cada modalidade no seu sentido global. (Oña, 2005 citado por Confederação do Desporto de Portugal)

Segundo (Long Term Athlete Development- JUDO, 2006), aos 7 e 8 anos é a fase crítica da coordenação e da formação física onde se pretende que a criança aprenda os movimentos fundamentais e habilidades motoras em geral. As crianças devem trabalhar e desenvolver a velocidade, coordenação e agilidade através da participação em jogos e num ambiente lúdico. É aconselhada a prática de Judo 2 vezes semanais em sessões de aproximadamente 60 minutos.

Na fase dos 9 aos 11 anos é dado ênfase ao desenvolvimento das habilidades técnicas e à sua consolidação, o fator cognitivo e emocional também se integra nesta fase acompanhando o crescimento maturacional. (Long Term Athlete Development- JUDO, 2006)

Tal como refere (Ângelo, 2012) citando Veloso et. al (2000) a metodologia de ensino do Judo em Portugal é baseada no método francês de ensino do Judo /Ju-jitsu, onde se procura realizar a progressão pedagógica da modalidade através da articulação da idade, da graduação e das técnicas. O mesmo autor considera a existência de “*seis grandes blocos de aprendizagem: quedas; pegadas; solo; em pé; ligação pé solo e competição*”.

Para que conseguíssemos aferir qual o nosso ponto de partida estabelecemos uma conversa pormenorizada sobre as características técnicas dos alunos da turma em que iríamos intervir, aliado a isso durante a primeira semana os alunos estiveram sobre observação prática das suas capacidades gerais e técnicas.

O planeamento da época foi realizado através da divisão em 6 mesociclos (Outubro; Novembro; Dezembro/Janeiro; Fevereiro; Março; Abril/Maio/Junho) que se diferenciam prioritariamente pela distinção do tipo de técnicas abordadas e formas de trabalho. Existiram mesociclos que integraram um maior número de meses pois o funcionamento do clube acompanha as férias escolares e nesses meses foram realizadas interrupções letivas.

O programa de trabalho de cada mesociclo distinguiu as tarefas de quedas, trabalho de solo, trabalho de pé e ligação pé-solo. (Anexo XI)

Os planos de aula foram divididos em 8 fases, nomeadamente: saudação inicial, aquecimento, trabalho de solo, trabalho de pé, ligações e encadeamentos, combate, retorno à calma, saudação final. (Anexo XII)

3.2.1.2- Intervenção

A intervenção durante os treinos seguiu os princípios adotados durante a intervenção em ambos os ciclos de ensino referenciados anteriormente, contudo existiram algumas especificidades associadas à modalidade.

No que respeita à dimensão instrução, a terminologia utilizada foi na maioria das vezes em idioma japonês, pois existiam palavras/expressões que os alunos já conheciam e deveriam manter-se e outras que foram introduzidas, exemplos disso são: *hajime* (começar), *matê* (parar), *randori* (combate), *tori* (executante), *uke* (o que cai), *ne-waza* (técnicas de solo), *nage-waza* (técnicas de pé), etc. Também o nome de técnicas de pé ou solo ou tipo de trabalho a realizar era pronunciado em japonês, contudo caso necessário este último era acompanhado tradução portuguesa para os alunos perceberem o trabalho a realizar, e as técnicas caso os alunos tivessem dúvidas, sempre que necessário, eram acompanhadas de uma demonstração prática.

Os feedback's avaliativos, corretivos e de reforço foram os mais utilizados, não só a nível verbal, mas muitas vezes através de gestos ou expressões, como são exemplos de movimentos de técnicas, correções de pegos e atribuição de castigos (associados a faltas cometidas durante os combates).

A gestão e organização da turma foi realizada, na maioria das vezes, através do recurso ao sistema por vagas ou distribuição pelo tapete ou colocação dos alunos nas suas extremidades.

Para a demonstração da maioria dos exercícios ou técnicas foi pedido aos alunos que se colocassem no local de saudação (local conhecido por todos e com largura suficiente de modo a facilitar a visualização) e a demonstração dos exercícios foi realizadas nos diferentes ângulos.

A explicação dos exercícios, sempre que necessário foi acompanhada de demonstração prática ou do mestre com o mini mestre (um aluno por aula foi eleito o mini-mestre e utilizava o cinturão preto), ou pelo mini-mestre e outro parceiro, ou dois alunos que à partida iriam realizar a tarefa sem dificuldade e com correção técnica.

A gestão do material era realizada pelo mestre, contudo a arrumação do mesmo era gerida pelos alunos eleitos para tal.

Os grupos de trabalho na maioria das vezes eram escolhidos pelos próprios alunos, a não ser que o mestre reparasse que existiam grandes disparidades de peso, altura ou idade, porque no que respeita à graduação ou nível técnico, por vezes, não alterávamos grupos mesmo para os alunos aprenderem a trabalhar com todos e respeitarem o adversário e as suas fragilidades.

A gestão do tempo de aula quase sempre foi cumprida tal como planeado, à exceção de situações invulgares onde o tempo destinado à tarefa não foi suficiente para realizar o trabalho estipulado ou a transmissão das tarefas foi mais demorada para que os seus critérios de êxitos fossem bem explícitos e estas fossem realizadas com sucesso ou até pela paragem

de alguma tarefa para uma melhor transmissão por a explicação anterior não ter surtido o efeito pretendido.

O Judo está associado não só à formação desportiva do indivíduo, mas também à formação pessoal e espiritual, pois o seu mestre criador (*Jigoro Kano*) baseou-se em princípios filosóficos associados: ao bem-estar mental e corporal, à racionalização da força e à importância da entreajuda. Podemos atribuir ao mestre a responsabilidade de transmitir esta filosofia aos seus alunos, e para isso é necessário que haja um respeito mútuo, o estabelecimento de regras associado à disciplina da turma, bem como à criação um clima harmonioso de aprendizagem.

Para estabelecer a disciplina da turma foram explicadas as regras do dojo muito claramente tal como as regras de etiqueta associadas à modalidade e os comportamentos inapropriados e não toleráveis.

O clima de aula, na maioria das vezes, foi propício à aprendizagem, contudo e aquando a introdução de tarefas associadas a grandes níveis lúdicos a turma, por vezes acabou por se entusiasmar demasiado e foi gerado um clima algo perturbador. Nesses casos o professor tentou sempre que possível controlar os alunos através dos avisos ou chamadas de atenção.

Foram raros os casos de existência de comportamentos ou atitudes não toleráveis ou até desrespeitosas, contudo existiam alguns alunos que demonstravam muitos momentos de alheamento. De forma a colmatar essas situações estes eram avisados que iriam ser questionados do conteúdo a ser transmitido ou chamados para demonstrar de seguida, desse modo os seus níveis de concentração aumentaram perante a transmissão da tarefa.

3.2.1.3- Saídas

Durante este ano letivo o Clube de Judo Navegantes realizou 4 saídas associadas a competições, treinos convívio e demonstrações, durante as saídas estivemos sempre presentes.

A nossa primeira participação foi numa demonstração técnica infantil de Judo, inserida na Taça Internacional Kiyoshi Kobayashi Sénior realizada no pavilhão municipal do Entroncamento no dia 29 de Outubro (sábado). Essa demonstração foi um convite realizado às escolas de Judo, onde os alunos durante o intervalo da prova iriam realizar uma demonstração com o intuito de dar a conhecer no que consiste o Judo e quais as fases principais de um treino. A ministração da aula ficou a cargo do mestre Renato Kobayashi, estava aberta à participação de alunos dentro da faixa etária dos 5 aos 12 anos. O CJN participou com 8 atletas nesta demonstração que contou com mais de uma centena de atletas.

Após a demonstração os atletas tiveram a oportunidade de receber autógrafos de atletas de Olímpicos da modalidade, como Nuno Delgado, Joana Ramos e Miguel Vieira (atleta paralímpico).

Ainda no decorrer do ano 2016 o CJN participou no Torneio de Natal da Associação Distrital de Judo de Santarém (ADJS) realizado no dia 11 de Dezembro em Torres Novas, onde

se fez representar por 6 atletas. O número reduzido de participantes em competições, teve como principal razão o facto de os encarregados de educação não federarem os alunos na modalidade e por isso, só os alunos federados e com exame médico desportivo em dia o poderiam participar nas mesmas. Nesta competição o clube obteve excelentes prestações, alcançando quatro 1ºs classificados e dois 2ºs classificados.

De realçar que realizámos funções em todo o processo antecedente à prova, nomeadamente, contacto com a associação, com os pais e atletas e inscrições dos mesmos na prova, mas também tarefas no dia de prova como o controlo do aquecimento, auxílio na metodologia da pesagem, transmissão de informações e feedbacks corretivos e avaliativos durante os combates e no final a realização de um balanço da prova.

A 6 de Maio de 2017 o CJN participou em mais uma prova, desta vez do Projeto Judo + em Ferreira do Zêzere e fez-se representar por 7 atletas, contudo e como um deles ainda não tinha um ano de prática efetiva de Judo, e tal como o regulamento da competição exigia, este não pôde participar na competição, apenas no treino convívio que a antecedeu como forma de aquecimento conjunta entre atletas de vários clubes.

À semelhança da prova anterior executámos todas as tarefas que cabem ao treinador realizar para que esta decorra da melhor forma. Nesta prova fomos apenas com os atletas e respetivos pais, pois o professor orientador não estava disponível nesta data e nós assumimos a responsabilidade da participação do CJN. No final o balanço da nossa participação foi mais uma vez positivo sendo que todos os atletas conseguiram um lugar no pódio e acima de tudo revelaram a sua satisfação e diversão durante a prática da modalidade.

A última saída do CJN foi para a participação num treino convívio aberto a todos os atletas dos 4 aos 12 anos realizado no dia 27 de Maio em Riachos. Após o contacto com o mestre do Clube de Judo dos Riachos fomos convidados para participar com os nossos atletas num treino convívio que estes estavam a organizar em conjunto com o Clube de Judo de Torres Novas, este treino foi dividido para duas faixas etárias distintas, dos 4 aos 7 anos, e dos 8 aos 12 anos, sendo realizados trabalhos distintos em diferentes horários. O CJN participou com 6 atletas divididos pelas duas turmas, os alunos tiveram a oportunidade de interagir com diferentes judocas de outros clubes num ambiente de convívio. No final o feedback recebido através das conversas estabelecidas com os alunos e pais evidenciou que estes gostaram da atividade pela sua dinâmica e pelo convívio e interação com outros clubes.

3.2.1.4- Secretaria

Por estarmos perante um clube filiado à Federação Portuguesa de Judo, existiam vários procedimentos legais a realizar para que o clube, os treinadores e os seus atletas fossem reconhecidos pela FPJ e pudessem participar em eventos por ela organizados.

Mais uma vez quisemos executar funções também ao nível de secretaria para que os nossos conhecimentos a esse nível fossem alargados.

Realizámos várias tarefas indispensáveis ao funcionamento do clube, nomeadamente: revalidação do clube através do envio de ofícios específicos para a Associação Distrital,

revalidação de atletas e treinadores através do preenchimento dos dados necessários na ficha de revalidação, inscrição de atletas na FPJ através do envio das fichas de inscrição para a Associação Distrital e inscrição de atletas em provas através do envio da ficha própria da competição para a Associação dentro dos prazos e estipulados.

Neste campo adquirimos muitos conhecimentos, pois apesar da nossa formação nesta área desportiva, nunca havíamos realizado funções de secretaria.

3.2.1.5- Relações Sociais Estabelecidas

Durante o ano foram várias as relações estabelecidas entre o professor estagiário e os recursos humanos associados ao clube, nomeadamente com a direção e funcionários do Colégio, com o treinador principal, os atletas e os encarregados de educação.

O treinador principal (orientador do estágio) detinha um papel fundamental na organização do clube e nos seus métodos de trabalho, pelo que a Direção lhe cedia o poder de decisão e responsabilidade na maioria das situações que assim o exigiam. A relação com o treinador principal revelou-se bastante próxima, pois todas as situações que necessitassem de aprovação ou opinião era a este que recorriamos em primeiro lugar e apenas se ele assumisse que não poderia tomar uma decisão sem consentimento avançaríamos para o contacto com a Direção.

A boa relação entre o professor estagiário e os funcionários do Colégio manifestou-se de bastante importância para que existisse um bom funcionamento do clube e harmonia de relações, pois existiram situações onde foram necessários os seus serviços (limpeza do espaço, transmissão de recados a encarregados de educação, etc.) e estes se mostraram bastante prestáveis.

A relação com os atletas foi permanente e centrada nos aspetos de treino, especialmente através da transmissão de conhecimentos do que o atleta deveria fazer, como fazer e quando fazer, bem como nos aspetos formativos através da transmissão dos valores e condutas desportivas associadas à modalidade. O nosso objetivo foi estabelecer uma relação positiva, de confiança e preocupação tendo em conta as motivações e interesses dos atletas e revelando uma postura justa ao longo do ano.

Para que estabelecêssemos uma relação positiva com os Encarregados de Educação foi importante transmitir disponibilidade, credibilidade, segurança e profissionalismo. Para isso, tentámos aplicar todos os conhecimentos adquiridos ao longo da nossa formação escolar e profissional e responder da melhor forma a qualquer situação existente.

3.2.1.6- Construção de Material Pedagógico

Para auxiliar na aprendizagem e transmissão de conhecimentos, decidimos construir manuais simples que ajudassem os alunos a assimilar determinadas técnicas e conhecimentos exigidos para alcançar a graduação seguinte.

Esta foi uma ideia inovadora proposta e construída pelo professor estagiário que por sua vez foi aprovada pelo treinador principal.

A construção dos manuais integrou conteúdos exigidos pelo programa técnico de graduações do clube e foi dividido consoante a graduação a alcançar por cada atleta.

3.2.1.7- Festa do Clube

No final do ano letivo o CJN realiza uma festa onde os atletas que tenham alcançado os objetivos exigidos para a próxima graduação são graduados. Nessa festa são convidados os pais e encarregados de educação que assistem à demonstração, no final desta segue-se a cerimónia de graduação e consequente distribuição de diplomas, bem como distinção de atletas representantes do clube em provas.

Segundo o regulamento de estágio as tarefas que integram o relatório de estágio terminam dia 31 de Maio, como a festa se encontra agendada para o dia 13 de Junho esta atividade não se encontra relatada.

3.2.2- Intervenção na Escola

Como referimos anteriormente o professor também deve ser responsável por promover atividades que envolvam a comunidade escolar, adotando uma postura ativa e dinâmica no meio escolar.

A promoção de atividades não só proporciona aos alunos novas vivências, como permite a criação de relações entre os alunos estimulando a aquisição de valores como a solidariedade, a autonomia, a cooperação, a competição e superação. (Gori & Maciel)

O grupo de EF do Colégio desenvolveu várias atividades, revelando-se bastante ativo e promotor de dinamismo escolar, organizando atividades que se estenderam aos vários ciclos de ensino do Colégio.

3.2.2.1- Atividades do Departamento de Educação Física

Dentro das atividades do departamento podemos dividi-las em atividades de organização do grupo (reuniões de departamento) e atividades destinadas à comunidade escolar (atividades integradas no plano anual de atividades).

Desde logo estabelecemos uma relação de proximidade e à vontade com o departamento (muito devido a contactos anteriores já estabelecidos com alguns elementos). O nosso interesse constante fez com que estivéssemos bastante próximos dos assuntos relativos ao departamento e integrados nos métodos de trabalhos adotados.

Antes do início do ano letivo existiu uma reunião com a direção e o departamento onde foram tratados assuntos vários nomeadamente: aquisição de material, funcionamento de espaços, possibilidade de lecionação de modalidades em espaços exteriores ao colégio, organização do plano anual de atividades, etc.

De seguida e após a aprovação ou rejeição de algumas ideias o grupo de EF reuniu para tomar algumas decisões relativas à distribuição de espaços ao longo do ano letivo, escolha e adoção de manuais escolares, pesquisa sobre possíveis locais e ideias de atividades a organizar, etc.

No final de cada período o grupo realizou um balanço dos aspetos positivos, negativos e a melhorar perante algumas situações que surgiram, como por exemplo a impossibilidade de saída para espaços exteriores apesar da sua aprovação na reunião inicial com a direção o que fez com que os conteúdos a ser lecionados em determinados anos tivessem de ser alterados.

Também antes das atividades ao seu encargo o grupo realizou reuniões de maneira a distribuir tarefas e pensar em conjunto acerca destas.

Em todos os momentos percebemos que o grupo foi bastante unido e que trabalhou em harmonia, tomando decisões conjuntas dando a possibilidade de todos os elementos expressarem a sua opinião, objetivando sempre as soluções mais adequadas e ajustadas à realidade.

No que respeita à organização de atividades destinadas à comunidade escolar o departamento de Educação Física foi responsável por organizar oito atividades, nomeadamente:

- Canoagem (7º e 8º anos), 31 de Dezembro (atividade dinamizada pela professora estagiária);
- Espeleologia (6º ano), 31 de Outubro (turma de Torres Novas), 24 de Novembro (turma do Entroncamento);
- Slide (1º e 2º anos), dia 2 de Novembro;
- Saída de Inverno (5º e 6º anos), dia 11 e 12 de Abril;
- Corta- Mato (1º, 2º e 3º ciclo), dia 26 de Maio;
- Festa de Judo (todas as turmas de Judo) dia 13 de Junho;
- Acampamento de Verão (4º, 5º, 6º anos), 22 e 23 de Junho;
- Acampamento de Verão (7º e 8º anos), 26,27 e 28 de Junho;

Por considerarmos que uma participação ativa na escola é fundamental tanto para a uma boa integração do professor estagiário como para a aquisição de competências, mantivemos uma postura cooperante e interessada durante todo o processo de organização e implementação das atividades.

3.2.2.1.1- Espeleologia

Esta atividade foi realizada duas vezes ao longo do ano letivo como referido anteriormente, no dia 31 de Outubro (integrado nas atividades culturais do Colégio) para o 6º ano do Colégio Andrade Corvo e no dia 24 de Novembro (feriado municipal) para o 6º ano do Colégio dos Navegantes, isto porque seria impossível entrar com um número elevado de alunos na gruta.

Apenas estivemos presentes no dia 24 de Novembro, pois no dia 31 de Outubro estávamos na atividade de Canoagem por nós promovida e organizada.

Por a atividade ser igual em ambas as datas as linhas orientadoras foram as mesmas.

Antes da implementação da atividade existiram várias tarefas a realizar para que houvesse uma boa organização da mesma, para isso o departamento construiu nas reuniões antecedentes à atividade uma *check list* de afazeres:

- Contactar a empresa de aventura;
- Construir o programa da atividade;
- Divulgar a atividade;
- Entregar autorização aos alunos;
- Enviar *email* com comunicações várias ao pais (programa, custos, datas de confirmações);
- Contactar a secretaria para aceitar a confirmação do número de alunos e pagamentos;
- Contactar com a cozinha para a articulação de refeições;
- Organizar transportes;
- Estabelecer tarefas de professores durante a atividade.

Por esta ser uma atividade já várias vezes organizada pelo departamento já existia uma articulação e organização de meios bastante natural pelo que os professores já sabiam quais os seus papéis durante a atividade.

No dia apesar de não conhecermos a maioria dos alunos, as nossas ordens foram sempre acatadas. Ao longo da atividade demos ajuda no *rappel*, na escalada e nos destrepes.

Toda a atividade decorreu como planeado revelando-se bastante enriquecedora nas vivências dos alunos, por ser uma atividade invulgar que estes tiveram a oportunidade de experienciar.

3.2.2.1.2- Slide

No dia 2 de Novembro inserido nas atividades culturais do Colégio, o Departamento de Desporto realizou uma atividade durante a manhã de slide com as turmas de 1º e 2º ano, apesar destas não serem as turmas que acompanhamos, foi-nos solicitada ajuda, pelo que nos mostramos disponíveis por vermos mais uma oportunidade de aprendizagem.

A montagem do slide foi executada pelo professor orientador, sendo que ajudámos (a buscar cordas, a reunir mosquetões, a tencionar cordas, etc.) e observámos a metodologia adotada de maneira a adquirirmos alguns conhecimentos específicos.

Esta atividade foi dirigida por nós e pelo professor José Riachos onde dividimos tarefas, ele lançava os alunos e nós travávamos e equipávamos.

A atividade decorreu com bastante tranquilidade e organização existindo um feedback positivo por parte dos participantes.

3.2.2.1.3- Saída de Inverno

O departamento de EF já realiza há oito anos a saída de inverno que tem lugar durante a interrupção letiva da Páscoa e se destina às turmas de 2º ciclo.

Mais uma vez mostramos bastante interesse na participação e cooperação na atividade e estivemos dentro de todo processo de organização e realização da mesma.

Esta atividade teve lugar no campo de férias e atividades jovem na Quinta dos Ganados-Tomar decorrendo nos dias 11 e 12 de Abril. Participaram 43 alunos, acompanhados por 5 professores do Colégio (professor João Ludovico, professor José Riachos, professora estagiária

Verónica Raposo, professora Sónia Raposo e professora Marisa Leucádio, esta últimas diretoras de turma do 5ºB e 6ºB respetivamente) e 3 monitores do campo jovem.

A dinamização das atividades ficou ao encargo dos monitores da empresa, sendo que os professores estavam responsáveis pelos momentos sem atividades e organização de grupos em camaratas, bem como acompanhamento dos alunos nas atividades.

Ao longo dos dois dias os alunos realizaram as seguintes atividades: jogos aquáticos, slide, ponte himalaia, canoagem, laser tag, kartcross, jogos de sala (matraquilhos, ping-pong), raid noturno e discoteca.

Nesta atividade estabeleceram-se diversas interações sociais com alunos, professores, monitores e auxiliares revelando-se uma mais-valia a nossa participação na mesma, pois apesar de estarmos a trabalhar estabeleceu-se um ambiente de convívio bastante interessante.

Durante estes dias observámos os métodos de trabalho e organização do grupo bem como a articulação entre os professores perante as diferentes tarefas a realizar.

Podemos concluir que graças à boa organização de todo o grupo de professores e monitores e ao cumprimento de todas as regras estabelecidas por parte dos alunos a atividade decorreu sem imprevistos e dentro de um ambiente positivo.

3.2.2.1.4- Corta-Mato

Este foi o segundo ano que o departamento de desporto organizou o corta-mato escolar, que teve lugar no Colégio Andrade Corvo e contou com a participação dos dois Colégios (Andrade Corvo e Navegantes) na presença de 192 alunos dos três ciclos de estudos (1º ciclo, 2º ciclo e 3º ciclo).

Mais uma vez o grupo trabalhou em articulação entre os elementos, distribuindo tarefas e melhorando alguns aspetos que considerou que não resultaram bem no ano anterior, mais propriamente a separação das corridas por género, a retirada de horários de corridas consoante os anos e a entrega de prémios conjunta e após o termino da prova.

Na preparação desta atividade realizámos diferentes tarefas: auxiliámos no balizamento e preparação dos percursos, na preparação dos materiais necessários (diplomas, cartaz, distribuição de tarefas durante a prova, medalhas, folhas de classificação, etc.). No decorrer da atividade ficámos responsáveis por anotar o nome dos alunos consoante a sua chegada.

Toda a atividade decorreu de forma satisfatória, não existindo nem imprevistos nem situações indesejáveis (lesões, desentendimentos, falta de fair-play, etc.).

Foi fundamental o conhecimento das formas e métodos de organização de uma atividade que implica a participação de um número elevado de alunos, pois só com um bom planeamento de toda a atividade e mobilização dos recursos necessários é que esta terá o sucesso pretendido.

3.2.2.1.5- Festival de Natação e Acampamentos

Estas atividades decorreram no mês de Junho, por isso a implementação das mesmas não foi relatada, ainda assim quisemos estar dentro do seu processo de preparação e organização.

A organização do Festival de Natação encontra-se a cargo do professor José Riachos (coordenador da academia), contudo este conta com a ajuda de todo o departamento para qualquer situação que surja. Como a leccionação desta academia é realizada por mais 2 professores (professora estagiária e professor contratado a recibos verdes externo ao colégio) estes são os que se encontram mais dentro do processo de organização.

Por este ser o 8º ano que a festa se realiza, a maioria da documentação e informação necessária já se encontra produzida, apenas carece de pequenos ajustes (datas, horas, alterações ao programa, etc.)

Para a abertura do Festival foram convidadas 3 escolas de natação sincronizada, onde nós ajudámos no contacto com uma das escolas por termos convivência com uma das treinadoras. Através da articulação de ideias dos 3 professores da academia ajustámos o programa da festa, acertando horários, exercícios e o jogo final.

No que respeita aos acampamentos também estes já são realizados à oito anos no Colégio pelo que a maioria documentação também já se encontra produzida, contudo e consoante o local e o programa estabelecido com a empresa de aventura são ajustados os pormenores.

Antes de realizar esses ajustes o departamento reuniu com a empresa de aventura (GreenRoc) para perceber qual o local, datas, as actividades e o orçamento que estes consideraram viáveis.

Após ajustar todos os pormenores com a empresa e consequentes ajustes no programa o departamento iniciou a divulgação das datas, actividades e custos associados à participação (via email, através de informação em papel entregue aos alunos e cartaz afixado no Colégio).

Serão realizados dois acampamentos: o primeiro (dia 22 e 23 de Junho) destinado às turmas de 4º, 5º e 6º anos, com 45 alunos inscritos ao cargo de 5 professores e o segundo (27,28 e 29 de Junho) às turmas de 7º, 8º ano e ex-alunos, com 38 inscritos ao cargo de 4 professores.

Nestas actividades desejamos observar, experienciar e reflectir sobre inúmeras situações que venham a surgir.

3.2.2.2- Atividades Dinamizadas

Segundo o (Departamento de Ciências do Desporto, 2016-2017) o professor estagiário é responsável por “ *conceber e implementar atividades de complemento curricular*”, assim, cabia-nos a nós ser promotores e organizadores de uma atividade que se integrasse no plano anual de atividades.

Após o diálogo com o professor orientador e o restante departamento, verificámos que seria necessário começar a pensar numa atividade distinta para o 7º e 8 anos durante as atividades culturais de 31 de Outubro a 2 de Novembro, pois os alunos que agora se encontravam nestes anos de escolaridade já haviam realizado a atividade de espeleologia em

anos anteriores, atividade pré-definida para essa altura. Assim e de modo a colmatar esta problemática decidimos intervir e propor a organização de uma atividade de Canoagem, devido às boas condições climáticas que ainda se faziam sentir.

Nunca tínhamos organizado uma atividade neste âmbito, contudo o professor orientador disponibilizou-se para ajudar e deu-nos as ferramentas necessárias para começarmos a organizar a atividade, ou seja, cedeu-nos o contacto de uma empresa por ele conhecida e deu-nos a check list dos afazeres, muito idêntica à utilizada para a espeleologia.

Iniciámos o contacto com a empresa que foi realizado através de uma reunião realizada no Colégio com a presença do professor orientador, onde foi discutido o orçamento, o programa e o transporte.

De seguida avançámos para a construção do programa e a divulgação da atividade perante as turmas e encarregados de educação (*via email*). (Anexo XIII)

O passo seguinte prendeu-se em estabelecer o contacto com a secretaria para que as autorizações e pagamentos da atividade ficassem ao seu encargo.

Após a confirmação do número de participantes estabelecemos o contacto com a cozinha (para articular o tipo de refeição, números de refeições e refeições especiais) com os transportes (para articular horários e número de carrinhas necessárias para realizar o trajeto) e com a empresa para confirmar o número de participantes e canoas necessárias.

Por fim foi organizada a atividade bem como os recursos necessários em cada fase da mesma.

A atividade decorreu no dia 31 de Outubro com a participação de 22 alunos, dois professores (professora estagiária e professor orientador) e dois monitores, iniciando em Constância (rio Zêzere) e terminando em Tancos (rio Tejo).

Esta decorreu como planeado, não ocorrendo nem imprevistos nem comportamentos inadequados por parte dos alunos e existindo um feedback bastante satisfatório.

A presença do professor orientador durante toda a organização e implementação da atividade foi fundamental para o sucesso da mesma, pois foi graças à sua disponibilidade e partilha de conhecimentos que, também nós, adquirimos conhecimentos e competências referentes à metodologia de organização de atividades. Sabemos que por ter sido uma das primeiras atividades organizadas sem existir contacto com atividades anteriores, talvez tenhamos sido pouco autónomos, contudo temos a consciência que com todas as vivências experienciadas durante este ano certamente que se atividade fosse agendada para uma data mais próxima do final do estágio a nossa autonomia seria maior.

3.2.3- Análise Reflexiva da Área II

O contacto com esta área confirmou a ideia que tínhamos, que o professor não deve cingir a sua intervenção na Escola à lecionação da sua disciplina, mas sim adotar uma postura ativa, competente e eficiente em prol de um desenvolvimento escolar positivo.

Como referimos anteriormente, a participação do professor em meio escolar abarca dois âmbitos: o desporto escolar (neste caso academias) e organização, implementação e

avaliação de atividades de dinamização da escola; em ambos os domínios adquirimos novas competências e experiências.

A nossa intervenção na Academia de Judo proporcionou-nos a aquisição de múltiplos saberes principalmente ao nível do treino/ensino, das relações com os membros do clube, do contacto com o trabalho de secretaria, bem como dos procedimentos inerentes à participação em provas e convívios.

A nossa intenção sempre foi estar bastante presente em todos os processos associados às tarefas do professor e para isso foi necessário estarmos dispostos realizar qualquer tipo de tarefa. A pesquisa, curiosidade, persistência e dedicação foram palavras-chave para o sucesso, também o espírito de entreatajuda que sentimos por parte de toda a comunidade escolar e principalmente da parte do professor orientador e dos elementos do departamento desportivo foram decisivos para o êxito das variadas tarefas.

No que respeita à dinamização de atividades o departamento desportivo revelou uma excelente organização, pelo que existiu um planeamento e organização atempado de todas as atividades o que permitiu a coordenação e organização dos recursos necessários.

Para levar a cabo uma atividade existem várias preocupações que o professor deve ter em conta para que os imprevistos sejam minimizados. É importante que este conheça toda a atividade e mobilize os recursos necessários para que esta se realize com segurança.

A vivência e organização de diferentes atividades fez com que experienciássemos múltiplos contextos e percebêssemos as distintas dinâmicas de coordenação..

Contudo percebemos que é fundamental o trabalho coordenado e em equipa para que haja sucesso na organização e implementação de qualquer atividade.

A ligação com esta área revelou-se uma experiência bastante enriquecedora tanto a nível pessoal como profissional, pois adquirimos conhecimentos específicos no que respeita à participação do professor associada ao meio escolar e ao seu contributo para um desenvolvimento harmonioso dos alunos.

3.3- Área III- Relação com a Comunidade

Segundo (Carvalho, 2014) “ *O processo educativo não se desenrola apenas numa relação entre alunos e professores, mas pressupõe também uma relação entre a escola e a comunidade.*”

Para que exista um ambiente saudável e um convívio favorável é importante que o professor estabeleça relações interpessoais de mútuo respeito e cooperação entre os diferentes intervenientes do meio escolar.

A nossa intervenção nesta área passou pelo acompanhamento do cargo de diretor de turma e a integração em meio escolar através da participação ativa e dinâmica dentro da comunidade escolar.

3.3.1- Acompanhamento da Direção de Turma

“Em Portugal a figura do diretor de turma tem sido colocada no centro do trabalho de coordenação pedagógica a desenvolver com os alunos para promover o sucesso educativo, tornando-se num líder pedagógico dos seus pares e interligando a escola e a família” (Favinha, Góis, & Ferreira, 2012)

Este é um cargo fundamental e bastante frequente na carreira de qualquer docente, contudo não existem programas específicos de formação para directores de turma. Posto isto, o acompanhamento do titular de turma durante este ano lectivo revelou-se uma experiência bastante enriquecedora no que respeita à aquisição de novas aprendizagens.

Desde logo o nosso objetivo foi estar bastante presente procurando adquirir práticas e hábitos de trabalho, em colaboração com outros elementos implicados em todo o processo escolar, proporcionando-nos uma compreensão da complexidade administrativa das escolas e das situações educativas, nomeadamente no que respeita aos domínios da orientação educativa, da gestão pedagógica intermédia e da gestão de projetos.

Ao longo do estágio pedagógico acompanhamos a professora Sónia Mourão no seu cargo de diretora de turma do 7ºA, foram várias as novas experiências/vivências que adquirimos.

Para conhecermos e compreendermos melhor o cargo, funções e competências do diretor de turma, bem como entendermos o enquadramento legal deste no sistema educativo realizámos uma revisão bibliográfica que nos auxiliou na compreensão de alguns pontos inerentes a este cargo.

Tendo em conta que a prática/experiência é fulcral no processo de formação do professor estagiário, o nosso objetivo foi desempenhar um papel ativo nas funções/atividades e tarefas relacionadas com este cargo.

O diretor de turma desempenha funções e estabelece relações com diferentes intervenientes interligados entre si, podendo dividir a sua intervenção desenvolvendo tarefas relacionadas com a Escola, os Pais e os Alunos.

No que respeita às funções desempenhadas relativamente à Escola inserem-se as questões burocráticas e comunicação entre o diretor de turma e os restantes professores da turma.

Nesta área auxiliámos o DT na preparação de reuniões do conselho de turma, onde nos guiámos pela ordem de trabalhos dispensada pela Direcção do Colégio. Nestas reuniões foram transmitidas informações importantes sobre a turma, cada aluno individualmente bem com as relações estabelecidas entre alunos.

Desempenhámos o papel de secretária da diretora de turma, contudo e apenas com a experiência e o auxílio da mesma pudemos crescer nesta área, pois não havíamos nenhuma experiência neste âmbito o que fez com que alguns aspectos fossem descurados inicialmente.

Assim e através de um trabalho conjunto aprendemos a construir textos descritos, realizámos atas, confirmámos pautas, reunimos com a professora de educação especial com o objetivo de realizar programas individualizados, atualizámos o dossier de turma, inserimos notas no programa (ALUNOS) e realizámos um estudo de turma.

A família tem um papel fundamental na educação do aluno e, sobretudo, sobre a sua prestação no dia-a-dia no meio escolar, por isso cabe ao DT estar em permanente contacto com os encarregados de educação.

Apesar de na maioria dos estabelecimentos de ensino existir um horário de atendimento dos diretores de turma aos pais o Colégio não segue essa norma por considerar que normalmente é um horário que não se adequa ao cotidiano de todos os encarregados de educação e na maioria das vezes o diretor de turma cumpre essa hora e não tem a presença de nenhum encarregado de educação, assim o método adotado no Colégio é a articulação do horário e disponibilidade do diretor de turma à dos encarregados de educação.

Ao longo do ano existiram algumas reuniões com os encarregados de educação de alguns alunos, onde apenas conseguimos comparecer a 3 delas, pois existiu incompatibilidade de horários. Duas dessas reuniões destinaram-se à entrega de notas tardia, pois os EE não puderam recebê-las no dia que estava agendado, aí o diretor de turma aproveitou para transmitir algumas informações sobre comportamentos e o desempenho do educando, onde alertou para possíveis fracassos e enalteceu as situações que assim o justificassem. É importante que o DT tenha a capacidade de realizar este balanço entre situações positivas e negativas bem como estabeleça um diálogo correto, justo e preciso. A outra reunião que presenciei teve como objetivo recolher informações sobre uma aluna que integrou a turma a meio do ano, bem como estabelecer o contacto com o agregado familiar e transmitir informações pertinentes sobre o funcionamento do Colégio.

Estivemos presentes nas reuniões de entregas de notas a todos os encarregados de educação nos diferentes períodos, o que se revelou bastante importante para percebermos que ao lidarmos com pessoas diferentes o nosso discurso tem de se ir ajustando para que assim a resolução de possíveis conflitos seja minimizada.

No que respeita à relação que o diretor de turma estabelece com os alunos, importa ter em conta que cada aluno é diferente e que existem inúmeros fatores externos que poderão influenciar o seu desempenho, assim é fulcral que o DT conheça as dificuldades, interesses, potencialidades, personalidade, relações sociais, atividades extra curriculares, situação familiar e económica do aluno.

Para isso foi realizado um estudo pormenorizado da turma e de cada aluno individual onde podemos analisar e compreender as distintas realidades.

Em suma, podemos afirmar que o acompanhamento do papel do diretor de turma foi fundamental para o nosso crescimento profissional e pessoal, pois apesar de todas as questões burocráticas que estão a cargo do DT este também é o principal responsável pela harmonia de relações que se estabelecem entre os intervenientes em meio escolar, sendo o seu objetivo a busca de um desenvolvimento coerente e ajustado de cada aluno e da turma em geral.

3.3.2- Ação de Integração com o Meio

O Colégio dispõe de um plano anual de atividades bastante vasto pelo que vimos aí mais uma oportunidade de crescer e aprender.

Desde logo manifestamos disponibilidade e interesse em participar em todas as atividades do Colégio independentemente do contexto em que estivessem inseridas, não só pela experiência efetiva de trabalhar em contextos diferenciados, mas também para estabelecer um vínculo com os mais variados intervenientes do contexto escolar (professores, pais, auxiliares, Direção, alunos, etc.)

Esta nossa postura interessada e disponível fez com que criássemos relações de amizade e cooperação com a maioria da comunidade escolar, isso facilitou-nos bastante na integração com o meio.

Como referimos anteriormente quisemos estar presentes na maioria das atividades organizadas pelo Colégio e desempenhar funções necessárias ao bom funcionamento das mesmas. De seguida segue um resumo das atividades em que participámos e as funções que desempenhámos:

- Reunião geral de abertura do ano letivo- estivemos presentes e realizámos uma breve apresentação do nosso cargo e objetivos para o ano letivo;

- Festa dos Avós - auxiliámos no decorrer do lanche que os alunos realizaram com os avós, principalmente na organização e arrumação do espaço e distribuição dos alimentos;

- Magusto- apoiámos nos assadores e ajudámos na construção dos cartuchos para as castanhas;

- Recital de Natal- em conjunto com o departamento de desporto ajudámos na organização das turmas no decorrer da missa (entradas e saídas para o altar) e na arrumação do material de som;

- Festa de Carnaval- Participámos no cortejo do Colégio conjuntamente com professores e alunos;

- Festa do 4º ano- ajudámos na organização e realização de uma festa para angariar fundos para a viagem de finalistas do 4º ano. Contactámos com um conjunto musical para participar na festa e estabelecemos o contacto com a Sociedade Columbófila de Riachos para ceder o espaço para a realização da mesma. No decorrer da festa ajudámos nos grelhadores e nas bebidas;

- Visita de Estudo a Mafra- Acompanhámos o Colégio numa saída a Mafra onde percebemos quais os processos a ter em conta aquando a saída com alunos, nomeadamente realização de ficha de professores acompanhantes dos alunos, métodos de organização do grupo, momentos de refeições, etc.

Podemos afirmar que o facto de nos envolvermos em todas estas atividades nos fez ver diferentes quadros e conhecer métodos e formas distintas de intervir durante as atividades. Também a ligação a diferentes contextos fez com que estabelecêssemos conexões com os diferentes intervenientes e levou a que existisse um convívio saudável e harmonioso durante a realização das atividades baseado em confiança e respeito.

Além de uma boa integração no meio escolar o professor também deve demonstrar interesse na sua formação contínua, (Silva, Lima, Pedra, & Santos, 2011) referem que a

formação contínua possibilita a aquisição de conhecimentos específicos da profissão, tornando o professor mais capaz a responder às exigências impostas pela sociedade.

Ao longo do ano letivo participámos em duas ações de formação organizadas pela Associação de Judo do Distrito de Santarém, a primeira decorreu no dia 1 de Outubro de 2016 e abordou o Judo Adaptado “ formas lúdicas, treino e boas práticas” e a segunda decorreu no dia 8 de Abril de 2017 e deteve como temática a “Recuperação de lesões, ligaduras funcionais”.

Reconhecemos que a participação em ambas as formações veio alargar o nosso reportório de conhecimentos relativos às temáticas. Em ambas as formações desfrutámos de componente teórica e prática o que consideramos ser uma mais-valia, pois a simples transmissão dos conhecimentos teóricos não se torna suficiente para que haja um conhecimento efetivo dos princípios a aplicar em contexto real.

Durante e após as formações considerámos importante a reflexão sobre alguns conhecimentos transmitidos para que estes fossem ajustados à nossa realidade.

3.3.3- Análise Reflexiva da Área III

A proximidade com a comunidade escolar e o meio envolvente é indispensável para que se estabeleçam relações de proximidade entre o professor estagiário e o contexto de ensino.

Assumindo que o professor desempenha variadas funções que ultrapassam a sua atividade letiva é de extrema importância contactar e conhecer essas funções.

O acompanhamento do trabalho do diretor de turma proporcionou-nos através do desempenho de funções e auxílio em determinadas tarefas, a aprendizagem de práticas e métodos de trabalho, o esclarecimento e participação nas inúmeras tarefas da competência do diretor de turma bem como a interação com os variados intervenientes do meio escolar.

Importa realçar que o diretor de turma assume um papel fundamental no desenvolvimento da turma e dos seus alunos sendo um elemento de conexão entre as partes, para isso deve estabelecer relações de confiança, segurança e respeito.

Também os momentos de partilha de informações e busca de estratégias a aplicar perante algumas situações se revelaram momentos de aprendizagem, esses momentos decorreram principalmente durante os conselhos de turma onde os professores procuraram através da articulação de ideias estabelecer formas de desenvolvimento adequado para os alunos.

Em suma, esta experiência mais uma vez foi impulsionadora da aquisição de novos conhecimentos, realçamos o facto do acompanhamento ser bastante próximo da diretora de turma o que fez com que nos integrássemos bastante bem no processo e estabelecêssemos uma relação de cooperação.

O professor deve manter-se constantemente atualizado para que a sua intervenção no meio seja adequada e de qualidade, para isso este deve ser o principal interessado em procurar conhecimentos que considere importantes para complementar a sua formação.

Ao participarmos em formações assumimos que muito conhecimento poderá ser transmitido, contudo consideramos que a reflexão sobre os conteúdos lecionados é

fundamental, pois apenas um professor com uma boa capacidade crítica e reflexiva é capaz de criar a sua identidade profissional e fazer a diferença no meio envolvente.

4- Reflexão Final

"Com a realização do Estágio Curricular Supervisionado, o aluno passa a conviver com o cotidiano institucional, possibilitando a observação da dinâmica e prática das atribuições do profissional em serviço. O estágio supervisionado na formação do discente de Educação Física, torna-se um instrumento coerente com a prática pedagógica e com a formação das futuras gerações de profissionais, pois é o primeiro contato com os desafios que serão enfrentados no seu cotidiano profissional" (Santos Filho, 2010 citado por Silva & Nascimento)

O EP representa uma experiência fundamental na formação do professor estagiário, pois é através desta que há uma aproximação do mesmo com o contexto real por onde irá passar a sua atividade profissional. As vivências do estágio deverão reverter-se em capacidades específicas, nomeadamente na aquisição de: *"autonomia intelectual; domínio dos conteúdos e de metodologias de ensino; competências prático-reflexivas; reportório cultural diversificado; visão ética e política da prática profissional; respeito intelectual e pessoal pelos alunos e outras habilidades adequadas às singularidades da prática"*. (Miranda 2008, citado por André, 2011)

Este ano revelou-se bastante trabalhoso, contudo podemos afirmar que o estágio pedagógico se evidenciou uma experiência bastante enriquecedora e compensadora pelas infindas aprendizagens realizadas e conhecimentos adquiridos.

A aproximação ao meio escolar e o contacto com as diferentes áreas de intervenção do professor deu-nos uma "bagagem" de conhecimentos e experiências que nos tornaram mais competentes e capacitados a desempenharmos funções específicas da prática pedagógica.

O facto de nos encontrarmos sobre a supervisão de um perito experiente, capacitado e muito profissional foi um privilégio, pois durante todo o processo de aprendizagem sentimos um apoio enorme e as suas críticas construtivas ajudaram-nos a refletir sobre várias dificuldades, métodos e estratégias de ensino, procurando as que se adequassem à nossa realidade e melhorando a nossa ação pedagógica.

A confiança e autonomia que foi depositada no nosso trabalho proporcionou-nos bastante liberdade na gestão do processo de ensino o que fomentou o desenvolvimento de inúmeras capacidades, como: a reflexão, a decisão, o ajustamento, o domínio das competências técnicas e táticas, a criação de relações sociais saudáveis, etc.

(Menezes, Amorim, & Souza, 2009) citando Siedentop (1983) referem que o professor desenvolve a sua competência pedagógica durante o exercer da sua atividade.

Durante o EP foram várias as experiências e situações diversificadas com que contactámos, e seguindo a linha de pensamento dos autores citados anteriormente, o professor cresce e cria a sua identidade profissional durante o contacto com as várias funções da sua atividade pedagógica. A ligação a todas as áreas de intervenção do professor ofereceu-nos a oportunidade de experienciar situações e contextos variados do seu cotidiano, o que levou à compreensão de inúmeros métodos, estratégias e formas de intervir em cada uma dessas áreas.

Existiram situações de sucesso e fracasso contudo encarámos todas as experiências como construtivas e positivas, pois mesmo quando evidenciaram insucesso levaram-nos ao crescimento através da procura de soluções ajustadas. *Os erros são vistos como "experiências" para realizar corretamente a tarefa.* (Machado J. G., 2008)

Foi nossa intenção adotar uma postura ativa, interessada e dinâmica no meio escolar e durante todo o processo de aprendizagem, revelámos preocupação em desempenhar tarefas referentes às várias funções que fazem parte do leque de tarefas que são da responsabilidade do professor.

Podemos afirmar que a solidariedade, compreensão e espírito cooperativo que encontramos em toda a equipa do Colégio ajudou-nos a aprender, a superar, a descobrir, a ajustar, mas acima de tudo a perceber que o espírito de entreajuda é fundamental para que uma equipa trabalhe de forma segura, profissional e harmoniosa, remando num só sentido.

Estamos longe da mestria pedagógica, contudo sentimos que este foi um passo avultado no nosso progresso pessoal e profissional, pois o contacto com a realidade escolar é bastante mais vasta e compensadora que apenas o contacto com a literatura que a ela se associa. Ao estarmos inseridos no contexto real de ensino observámos as necessidades, as práticas e princípios aplicados o que nos levou a aprender e ajustar muitas das teorias estudadas e conhecidas. Assim consideramos que o professor deve ter uma capacidade de plasticidade elevada ajustando os seus conhecimentos à veracidade dos factos.

Em suma, e apesar do desgaste, cansaço e fadiga que este ano despertou, podemos assumir que foi gratificante o contacto com esta realidade por todo o progresso alcançado, bem como as incontáveis aprendizagens e conhecimentos adquiridos.

Capítulo 2- Abordagem do Judo na Educação Física

1- Introdução

Se analisarmos os programas atuais de Educação Física podemos verificar que são múltiplas e distintas as matérias nucleares e alternativas aí inseridas, pois como referem (Rosa & Figueiredo, 2015), *“os PNEF destacam a necessidade de garantir o ecletismos da Educação Física através da participação dos alunos em contextos variados”*.

(Lima, 2012), ainda acrescenta que a Educação Física para que seja de qualidade deve ser baseada na diversidade, referindo-se como primordial à importância dos desportos de combate uma vez que apresentam características únicas que exaltam a interação com o parceiro.

Contudo, e segundo (Figueiredo, 1998), *“apesar das atividades físicas que implicam “luta” e oposição corporal direta entre intervenientes já não sejam discriminadas dos conteúdos programáticos da Educação Física, poucos são os professores que os abordam nestas aulas.”*

(Côrrea, Queiroz, & Pereira, 2010), referem que as modalidades de lutas são pagantes de preconceito, relacionado com a associação das mesmas à violência escolar. Os mesmos autores consideram que o fato dos professores adotarem sistemas repetitivos, recorrerem a práticas impensadas e habituais sem organização de conteúdos, leva a que estas modalidades sejam afastadas do seu leque de modalidades a lecionar durante a sua prática profissional.

Ainda assim, a maioria dos autores que se interessam pela temática da abordagem das modalidades de combate, referem constantemente nos seus estudos a importância da abordagem das mesmas para o desenvolvimento da criança, por estas transmitirem valores ao nível motor, cognitivo, social e psicoafectivo.

O Judo, objeto de estudo deste trabalho, foi reconhecido a nível mundial, pela UNESCO, destacado pela sua pedagogia e método de ensino como fundamentais na formação do ser humano. (Batista & Delgado, 2013) mencionam que a pedagogia associada à modalidade tem influência ao nível cognitivo, social e físico-motor, sendo um meio bastante propício à educação, formação e desenvolvimento tanto físico como psicológico da criança.

Devido há nossa ligação com esta modalidade, resultante em primeiro lugar, da formação a nível desportivo e hoje em dia também fruto da nossa atividade profissional, a abordagem desta matéria curricular nas aulas de Educação Física suscitou-nos um conjunto de questões que se tornaram fundamentais para o interesse e desejo em trabalhar nesta área.

Ao longo de toda a nossa formação desportiva, em contexto escolar, e apesar da modalidade de Judo já integrar os Programas Nacionais de Educação Física, nunca tivemos

contacto com a modalidade, isto levo-nos hoje a pensar e tentar perceber qual a razão pela qual os professores não abordam esta modalidade visto que apresenta um valor pedagógico tão relevante na formação e desenvolvimento dos alunos? Será que a sua formação a nível académico não se encontra adequada para uma intervenção segura e adaptada? O que necessitam em termos de ferramentas de aprendizagem e ensino para que comecem a abordar a modalidade?

Apesar da modalidade ter cada vez mais prestígio tanto ao nível desportivo/competitivo, com o feito da atleta Telma Monteiro nos Jogos Olímpicos de 2016, sendo a única atleta Portuguesa a alcançar uma medalha nesta edição dos Jogos, como ao nível educativo e de formação, com a dinamização do Projeto *Judo at School*, através da articulação da Federação Portuguesa de Judo, a Secretaria de Estado do Ensino Básico e Secundário e a Direção Geral de Ensino- Desporto Escolar de modo a levar o contacto com a modalidade a um maior número de crianças e fornecer aos professores de Educação Física formação adequada para intervenção na modalidade. Ainda há um longo caminho a percorrer para que a modalidade realmente faça parte dos currículos escolares de Educação Física.

Assim, com a realização deste estudo, pretende-se alcançar explicações para as questões referidas anteriormente e de alguma forma, contribuir com um acréscimo de informação útil que ajude os profissionais de Educação Física na lecionação da modalidade, para que haja um crescimento da Educação Física, em geral, e da modalidade de Judo, em particular.

Deste modo, o Projeto de Investigação encontra-se estruturado em 3 partes:

- I. O Judo. Aqui será apresentada a base teórica que sustenta o tema em estudo, incidindo em geral na apresentação da modalidade e dos valores a esta associados e em específico recaindo sobre a abordagem da modalidade nas aulas de Educação Física;
- II. O Estudo. Onde se insere a metodologia de investigação adotada;
- III. Resultados, Discussão e Conclusões. Aqui serão expostos os resultados da investigação com conseqüente discussão, relacionando estudos já existente dentro desta temática com os resultados obtidos e por fim serão retiradas conclusões.

Com o objetivo de dar resposta às necessidades dos professores, em anexo será apresentada uma proposta sintetizada para o ensino do Judo dentro Nível Introdutório exigido atualmente pelo PNEF. Esta proposta não pretende ser uma “receita” de ensino, mas sim servir de base para “guiar” alguns professores, sendo que oferece ferramentas, que no nosso entender, são a base para o ensino da modalidade, ou seja, apresenta conhecimentos que o professor necessita de ter para leccionar a modalidade (Anexo XV) e oferece uma proposta de UD, constituída por 10 planos de aula onde o professor pode basear a sua intervenção (Anexo XVI).

Em suma, com este estudo pretende-se apurar qual a situação atual do ensino do Judo em contexto escolar nas escolas Portuguesas, mais precisamente: identificar as principais dificuldades dos professores na lecionação da mesma, verificar a existência de formação a

nível superior e acadêmico na modalidade e por fim fornecer algumas ferramentas/informações, de modo a solucionar as principais dificuldades referidas pelos professores.

2- Enquadramento Teórico

2.1- Breve História e Caracterização da Modalidade

O Japão durante séculos viveu isolado do resto do mundo, contudo no séc. XVIII existiram drásticas mudanças a nível político e económico que obrigaram o país a abrir os seus portos e postos comerciais aos comerciantes além-mar. (Reay, 1990)

Até aqui o *Ju-Jitsu* era um tipo de luta bastante frequente entre camponeses e samurais como forma de defender os seus interesses, para isso eles lutavam aplicando golpes, sem recursos a armas, que poderiam levar à morte. (Reay, 1990)

Através do contacto com outros povos e países o Japão evolui, ultrapassando a Era dos samurais, e a necessidade da praticar golpes que levassem à morte deixou de fazer sentido. (Júnior, Ferreira, & Rodrigues, 1999)

Com a preocupação de manter algumas práticas da cultura japonesa, *Jigoro Kano* adaptou técnicas de *Ju-Jitsu*, alterando o seu objetivo e inculcando-lhe um fim educacional.

Em 1882 surge o Judo, criado *Jigoro Kano*, palavra que epistemologicamente se define como “Caminho da Suavidade”.

Na criação desta modalidade Kano inspirou-se em 3 princípios filosóficos fundamentais (Santos, 2015):

- Princípio da Máxima Eficácia do Corpo e do Espírito que assenta na utilização racional da energia do corpo e do espírito;
- Princípio da Prosperidade e Benefícios Mútuos estabelece a relação entre o individual e o coletivo idealizando-se a ligação ao próximo em benefício de si próprio;
- Princípio da Suavidade implica o “ceder para vencer”, caracteriza-se pelo triunfo da suavidade em oposição à força.

Baseado em fins educativos, filosóficos e desportivos, o Judo difundiu-se rapidamente pelo mundo, inicialmente através de demonstrações realizadas por alunos de Jigoro Kano até chegar a modalidade Olímpica. (Godim, 2012)

Segundo dados da Federação Portuguesa de Judo, o Judo chegou a Portugal em 1958 através do mestre japonês *Kyoshi Kobayashi*, e resultado da adesão à modalidade surgiu a necessidade de se criar um órgão responsável por organizar e incentivar a realização de atividades alusivas à modalidade, pelo que foi fundada a FPJ um ano mais tarde após o seu aparecimento em terras Lusas. Atualmente esta é formada por 19 associações distritais, das quais fazem parte cerca de 12 mil praticantes federados distribuídos por mais de 270 clubes.

O objetivo do Judo é marcar *Ippon* (ponto completo) através da utilização de técnicas de projeção ou de controlo no solo. (Silva V. M., 2009)

Segundo o mesmo autor, o combate de Judo é disputado por dois atletas numa área de competição específica que está dividida em duas zonas, nomeadamente, zona de combate 10mx10m e zona de segurança (de cor diferente) de 3 metros. Tendo em vista a igualdade competitiva entre atletas existe a diferenciação de sexos e a organização por categorias de peso. O tempo máximo de um combate de Judo é de 5 minutos, não contando com as pausas.

2.2- Judo como Desporto de Valores

Todos nós sabemos que o Desporto é uma Escola de Valores, e como referem (Gonçalves & Silva, 2004), o desporto é detentor de um valor educativo intrínseco, na maioria, de valores formativos, como é o caso do carácter, disciplina e vontade.

Permite-se assim à criança e jovem que contacta com esta arte, que vá criando a sua base de “preparação para a vida” e pró-social.

Segundo Freire & Soares (2000), citado por (Trusz & Dell'Aglio, 2010), além do desenvolvimento físico e de cooperação entre colegas de equipas, a prática desportiva também oferece estímulos mentais que levam a que o jovem se desenvolva a nível social, promovendo a identidade social e grupal.

Cabe ao treinador, educador ou professor apresentar um código de conduta correta e fazer-se valer dos valores do desporto, transmitindo-os com empenho e dedicação, especialmente nos escalões de formação.

Sendo o Judo uma modalidade desportiva, este não poderia estar isento no que diz respeito à transmissão de valores, ainda mais quando falamos de uma modalidade de luta física e real.

O Judo, por ser uma modalidade que se baseia em princípios filosóficos, possibilita o desenvolvimento moral das crianças, na medida em que as coloca sob situações que exigem auto controlo e reflexão. (Trusz & Dell'Aglio, 2010)

Esta modalidade proporciona aos seus praticantes uma variedade de sensações e perceções, desenvolvendo uma cultura de domínio de si próprio, uma vez que o judoca tem de conviver constantemente com o sucesso e fracasso, tendo a capacidade de saber “cair com classe”, levantando-se de seguida “com a cabeça erguida”.

Tanto na vitória como na derrota o judoca saúda o seu companheiro, mostrando assim a componente ética de respeito associada à modalidade. Também os locais de treino têm regras claras de conduta, onde o respeito prevalece.

Em suma, durante o ensino desta modalidade a transmissão de valores éticos, morais, sociais e físicos, não pode ser dissociada, pois tal como referiu *Jigoro Kano* “ *o Judo é, acima de tudo, uma escola de Valores, onde se procura ensinar atletas a serem cidadãos, que vivem em harmonia com a sociedade, sempre com respeito pelo próximo*”.

2.3- Judo na Educação Física

Se analisarmos os programas atuais de Educação Física podemos verificar que, são múltiplas e distintas as matérias nucleares e alternativas inseridas nestes, pois como referem (Rosa & Figueiredo, 2015) “*os PNEF devem garantir o ecletismo da Educação Física, através da oferta e possibilidade de participação dos alunos em contextos variados.*”

Contudo, e segundo (Figueiredo, 1998) apesar das atividades física que implicam “luta” e oposição corporal direta, já estarem integradas nos PNEF, são poucos os professores que as abordam durante as suas aulas.

Em 2006, num estudo realizado por (Ferreira H. S., 2006), com o objetivo de verificar se os professores de Educação Física abordavam o bloco referente às lutas durante as suas aulas, concluiu que este bloco de matéria não tem vindo a ser explorado pelos professores, pois os profissionais consideram não ter conhecimentos suficientes e alguns associam essas práticas ao aumento da violência e agressões.

Noutro estudo realizado por (Silva V. A., 2010), ao analisar qual a situação do ensino do Judo em contexto escolar, nas escolas de Porto Alegre, e apesar de esta cidade ter atletas medalhados em competições internacionais e se ter verificado um aumento do número de praticantes, verificou-se que existe um reduzido número de professores que ensinam os conteúdos do Judo nas suas aulas.

Em Portugal poucos são os estudos desta temática, pelo que os que existem focam-se na abordagem dos desportos de combate em geral e não em específico do Judo. Contudo e através da análise de alguns desses estudos pode verificar-se que os principais entraves à lecionação deste tipo de modalidades (de luta) são:

Segundo (Nascimento & Almeida, 2007):

- A carência de experiência por parte dos professores tanto a nível pessoal como académico;

- A ligação que se assume entre a prática desportos de combate à violência;

- Falta de bibliografia que proponha alternativas pedagógicas à inclusão dos desportos de combate em contexto escolar. (Côrrea, Queiroz, & Pereira, 2010)

Apesar da escassez teórica de estudos realizados no nosso país de modo a verificar qual situação atual do Judo em contexto escolar, pode verificar-se que a nível prático tem sido feito um esforço por parte dos órgãos responsáveis (Federação Portuguesa de Judo, Secretaria de Estado do Ensino Básico e Secundário e a Direção Geral de Educação- Desporto Escolar) para que haja um maior contacto com a modalidade. Para isso decorre neste momento no nosso país um projeto da União Europeia de Judo, designado “*Judo at School*”. Dentro do projeto inserem-se ações de formação creditadas destinadas a professores de Educação Física, implementação de aulas de Judo dinamizadas por mestres da FPJ na escola e a adaptação para versão portuguesa do livro do projeto que se intitula em Portugal por “Aprender Judo - Manual de Judo”.

A dinamização deste projeto trará um largo contributo para combater os obstáculos que até aqui têm sido referenciados pelos professores, pois oferece-lhes formação de qualidade e desmistifica a relação entre a sua prática e o possível aumento da violência.

3- Metodologia

3.1 - Caracterização do Estudo

Este estudo caracteriza-se como quantitativo descritivo de prevalência tendo como objetivo apurar qual a situação atual do ensino do Judo em contexto escolar nas Escolas Portuguesas, mais precisamente:

- Verificar se os professores de Educação Física abordam o Judo nas suas aulas, e caso não o façam identificar as razões para tal situação;
- Averiguar se os professores consideram a abordagem do Judo importante nas aulas de Educação Física;
- Identificar as principais dificuldades dos professores na lecionação do Judo;
- Verificar a existência de formação a nível superior e académico na modalidade, bem como aferir se os inquiridos a consideraram suficiente para uma intervenção capaz;
- Verificar as lacunas que existem na formação académica dos professores para que estes não se considerem capazes de intervir na modalidade;
- Perceber se já procuraram material de apoio à modalidade, se encontram e se o consideraram suficiente;
- Aferir se acham importante a construção de uma unidade didáctica da modalidade que os auxilie durante na sua intervenção;
- Verificar qual o formato que consideram mais adequado para a disponibilização do material de apoio.

3.2- População Alvo e Amostra

A população alvo deste estudo foram professores de Educação Física de Escolas Portuguesas, segundo dados de (Direcção Geral Estatísticas da Educação e Ciência, 2016) o universo de professores de Educação Física no ano letivo 2014/2015 era de 5535 professores.

Para este estudo recorreremos a uma amostra aleatória onde todos os elementos da população alvo tiveram igual probabilidade de ser inseridos na mesma.

A amostra foi constituída por 355 professores (n=355) (aproximadamente 6,41% do universo existente), 216 do género masculino (60,8%) e 139 do género feminino (39,2%). Os inquiridos apresentaram idades compreendidas entre os 28 e os 64 anos, sendo a média de 45 anos. No que diz respeito às suas habilitações literárias, 68,5% (n=243) revelou ter apenas a licenciatura, 27,9% (n=99) tem o mestrado, 3,1% (n=11) o doutoramento e apenas 2 inquiridos (0,6%) têm o bacharelato. Em relação à localidade da escola em que exercem funções, e por se tratar de uma variável contínua que assume inúmeros valores distintos recorreremos ao agrupamento de dados em classes para que a sua observação fosse facilitada, assim podemos concluir que 49% dos inquiridos (n=174) leciona na zona Norte do país, 20,6% (n= 73) na zona Centro, 18,3% (n=65) em Lisboa e Vale do Tejo, 7,6% (n= 27) no Alentejo, e por fim 4,5% (n= 16) no Algarve.

No que respeita ao nível de experiência dos inquiridos em relação à sua atividade profissional esta encontra-se entre os 0 e aos 41 anos de experiência profissional, sendo a média de \approx 21 anos (\bar{x} =21,35 anos) e o desvio padrão de 7, 155 anos.

3.3- Procedimentos, Instrumento e Recolha de Dados

Segundo Malhota (2006), citado por (Vieira, Castro, & Júnior, 2010) a utilização da internet, por parte dos investigadores, na aplicação do seu instrumento de recolha de dados é cada vez mais frequente referindo como vantagens deste método: o baixo custo, a rapidez de obtenção de respostas e o fácil acesso a populações específicas, já do ponto de vista do inquirido, destaca-se por ser uma forma conveniente de o abordar sendo que este pode responder quando assim lhe for mais oportuno.

Nesta pesquisa foi utilizado como instrumento de recolha de dados um questionário (notemos que todos os dados foram recolhidos exclusivamente de forma electrónica), desenvolvido pela investigadora e construído em Microsoft Office Word (Anexo XVI), que foi validado por dois peritos (Professores de Educação Física e especialistas em Judo com formação de treinadores pela FPJ) de forma a verificármos a validade do mesmo e recebermos algumas sugestões de possíveis reformulações a realizar ou conteúdos a inserir. Após a validação do mesmo e realizadas as alterações propostas foi recriado através do Software aplicativo do Google Docs que gerou um *link*¹.

De modo a facilitar a compreensão do questionário, tivemos o cuidado de organizá-lo de forma lógica dividindo-o em 4 secções:

- Na primeira secção foram recolhidas as informações gerais sobre os participantes do estudo (idade, género, habilitações literárias, etc.);
- Na segunda secção, colocadas questões sobre a abordagem do Judo nas suas aulas de Educação Física;
- Na terceira secção são apresentadas questões sobre a formação académica dos professores;
- Na última secção são expostas questões sobre o material de apoio disponível e considerado necessário por parte dos professores.

Após colocarmos o questionário online começámos a partilhar com indivíduos que se encontravam na área, apesar do contacto com cerca de 30 sujeitos e solicitação de ajuda na partilha do mesmo com contactos dentro da área do Ensino da Educação Física, as respostas foram bastante escassas pelo que tivemos de encontrar uma outra solução.

De modo a colmatar a dificuldade encontrada surgiram dois pensamentos: o primeiro foi entrar em contacto com o CNAPEF (Conselho Nacional de Associações de Professores e Profissionais de Educação Física) e o SPEF (Sociedade Portuguesa de Educação Física) expondo o propósito do estudo e solicitando a cooperação na sua divulgação através do seu *site*.

¹ <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScHqCph9ZI39Qi8MMClgTEAH7eQCP9s-XlptVCbygmRp6olXw/viewform>

Apenas obtivemos resposta do CNAPEF que se mostrou interessado em cooperar e colocou uma breve descrição do nosso estudo e de seguida o link de acesso ao questionário na sua página ²online.

O segundo pensamento consistiu em enviar, via *e-mail*, para todos os agrupamentos de Escola disponíveis no site da DGEstE (Direção Geral dos Estabelecimentos Escolares), sendo que num total de 711, apenas 654 foram enviados com sucesso (devido a erros no endereço), um e-mail ao cuidado dos professores de Educação Física, onde mais uma vez foi apresentado o estudo e feito o pedido de colaboração no mesmo.

Com a concretização destes dois métodos de divulgação do estudo as respostas começaram a surgir.

3.4- Tratamento de Dados e Análise Estatística

Após a extração das respostas dos inquiridos da aplicação utilizada, esta gerou um documento em formato Microsoft Office Excel que foi alvo de “limpeza e organização”, pois alguns dados tiveram de ser categorizados de igual modo (nome das faculdades, dos cursos, etc.), outros tiveram de ser agrupados em categorias por falarmos em variáveis contínuas onde os valores assumidos são imensos (ano de finalização do curso, localidade de residência, localidade da escola onde leciona, etc.) e outros tiveram de ser excluídos (respostas desadequadas, por exemplo nos anos de docência ao invés de colocar há quantos anos leciona, colocou quais os anos escolares que leciona ou respondeu a uma questão à qual a sua resposta não tem significado por essa não ser para responder devido à sua escolha numa das respostas anteriores), contudo e apesar destes dados serem excluídos as restantes respostas do inquirido foram aceites, pois poderiam trazer significado ao estudo.

Para o tratamento estatístico dos dados foi utilizado o programa informático SPSS (Statistical Package for Social Science) versão 22.0 para o Windows onde foi realizada toda a análise estatística.

Foi realizada uma análise com o recurso à estatística descritiva das variáveis em estudos através das medidas de tendência central (média) e de variabilidade (desvio padrão, mínimo e máximo), bem como a análise de perguntas de resposta múltipla através da criação de variáveis distintas que agrupassem em categorias gerais as respostas dos inquiridos.

² <https://cnapef.wordpress.com/2017/03/11/abordagem-do-judo-na-educacao-fisica/>

4- Apresentação e Discussão de Resultados

4.1- Apresentação de Resultados

Na tabela abaixo estão indicados os resultados relativos à abordagem do Judo por parte dos professores inquiridos.

Tabela III: Frequência e percentagem de respostas à questão: “Aborda a modalidade de Judo durante as suas aulas?”

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Sim	74	20,8	20,8	20,8
	Não	281	79,2	79,2	100,0
	Total	355	100,0	100,0	

Visto que aproximadamente 80% dos inquiridos revela não abordar a modalidade nas suas aulas, seguimos para a análise das razões que levam a essa situação. (Tabela IV)

Tabela IV: Frequência de respostas relativas às razões que levam os inquiridos a não lecionar a modalidade durante as suas aulas;

		Respostas		Percentagem de casos
		N	Percentagem	
Razões não abordagem do Judo	Aborda outra modalidade	12	2,3%	4,3%
	É uma modalidade alternativa	103	20,0%	36,8%
	Existem modalidades mais importantes	19	3,7%	6,8%
	Falta de recursos materiais	72	14,0%	25,7%
	Falta de formação	178	34,6%	63,6%
	Falta de motivação	15	2,9%	5,4%
	Desporto violento	3	0,6%	1,1%
	Não integra o programa escolar	112	21,8%	40,0%
Total		514	100,0%	183,6%

Podemos constatar que existem 4 razões que os inquiridos referiram maioritariamente (note-se que os inquiridos poderiam referir mais do que uma razão), são elas a falta de formação (34,6%), a modalidade não integrar o currículo escolar da disciplina (21,8%), o facto do Judo ser uma modalidade alternativa do Programa Nacional de Educação Física (PNEF) (20%) e a falta de recursos materiais para a abordagem da mesma (14%).

Torna-se importante verificar qual a importância que os professores dão à abordagem do Judo na Educação Física e para isso recorreremos ao gráfico seguinte. (Gráfico I)

2.3. Qual a importância que atribui à abordagem do Judo nas aulas de Educação Física?

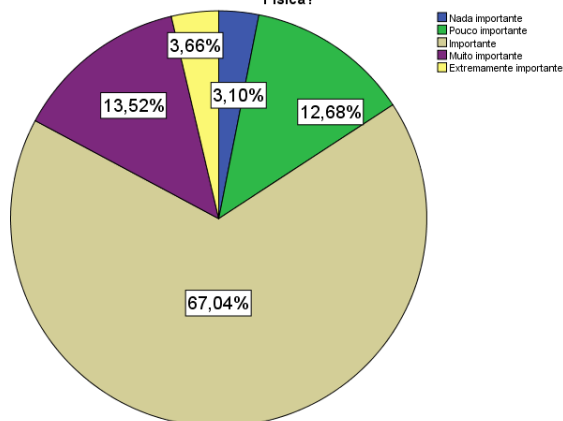
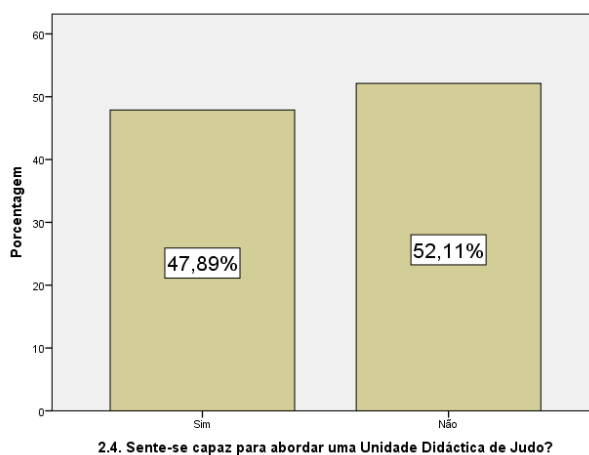


Gráfico I: Percentagens relativas ao grau de importância que os professores atribuem à abordagem da modalidade nas aulas de EF.

Através da análise do gráfico I podemos concluir que apenas 3,10% não lhe confere nenhuma importância e 12,68% atribui-lhe pouca importância, sendo que maioria dos inquiridos (67,04%) refere que é importante abordar esta modalidade, 13,52% diz ser muito importante e 3,66% menciona que é extremamente importante.

Com o objetivo de verificar se os professores se sentem capazes de abordar a modalidade durante a sua atividade profissional recorreremos ao gráfico seguinte. (gráfico II)



2.4. Sente-se capaz para abordar uma Unidade Didáctica de Judo?

Gráfico II: Percentagem de respostas positivas e negativas relativas à capacidade de abordagem da modalidade.

Podemos apurar que 47,89% dos inquiridos revela sentir-se capaz de abordar a modalidade e os restantes 52,11% pelo contrário dizem não ser capazes de a tratar.

Nas tabelas seguintes (V e VI) podemos aferir as razões que incapacitam os professores a abordarem o Judo e as dificuldades específicas relativamente ao ensino da modalidade.

Tabela V: Frequência de respostas relativas à incapacidade de abordar a modalidade.

		Respostas		Percentagem de casos
		N	Percentagem	
Incapacidade de abordar o Judo	Alunos desmotivados	1	0,5%	0,6%
	Falta de documentação de apoio	1	0,5%	0,6%
	Formação insuficiente	43	23,0%	24,2%
	Sem formação	99	52,9%	55,6%
	Desinteresse pela área	2	1,1%	1,1%
	Falta de conhecimentos	41	21,9%	23,0%
Total		187	100,0%	105,1%

Através da análise da tabela anterior podemos concluir que a inexistência e insuficiência de formação, bem como a falta de conhecimentos são aspetos críticos da incapacidade da abordagem do Judo por parte dos professores.

Tabela VI: Frequência de respostas relativas às principais dificuldades específicas de abordagem da modalidade.

		Respostas		Percentagem de casos
		N	Percentagem	
Dificuldades Específicas	Lecionar a parte teórica	45	7,8%	12,8%
	Lecionar a parte prática	57	9,9%	16,2%
	Ensinar termos específicos da modalidade	79	13,8%	22,5%
	Identificar erros técnicos	89	15,5%	25,4%
	Corrigir prestações incorrectas	61	10,6%	17,4%
	Encontrar progressões pedagógicas adequadas	70	12,2%	19,9%
	Todos os aspetos referidos anteriormente	132	23,0%	37,6%
	Não sentiria dificuldade	41	7,1%	11,7%
Total		574	100,0%	163,5%

Podemos verificar que a maioria das dificuldades apresenta percentagens bastante similares, notamos que, identificar erros técnicos representa 15,5% das respostas, ensinar termos específicos da modalidade 13,8%, encontrar progressões pedagógicas adequadas 12,2%, corrigir prestações incorrectas 10,6%, leccionar a parte prática 9,9% e leccionar a parte teórica 7,8%. Existem 23% dos inquiridos que referem que teriam dificuldades em todos

os aspectos da ação pedagógica e apenas 7,1% revela não sentir dificuldade em qualquer aspecto da lecionação do Judo.

Dadas as respostas anteriores parece-nos relevante verificar se os professores inquiridos tiveram formação académica superior na modalidade e se a consideraram suficiente. (tabelas VII e VIII)

Tabela VII: Frequência de respostas relativas à pergunta “ Na sua formação para Professor foi abordada esta modalidade?”

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Sim	132	37,2	37,2	37,2
	Não	223	62,8	62,8	100,0
	Total	355	100,0	100,0	

Tabela VIII: Frequência de respostas relativas à eficiência da formação superior académica acerca da modalidade

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Sim	82	23,1	62,1	62,1
	Não	50	14,1	37,9	100,0
	Total	132	37,2	100,0	
Ausente	Sistema	223	62,8		
Total		355	100,0		

Apenas 132 dos inquiridos (37,2%) refere ter tido formação na modalidade durante a sua formação académica superior, destes 132, 82 referem que essa abordagem foi suficiente para uma intervenção capaz, contudo 50 professores declaram que essa abordagem não foi suficiente para que se sintam capacitados a realizar uma boa intervenção.

Posto isto, é significativo verificar quais os aspectos que os levam expressar essa opinião. (Tabela IX)

Tabela IX: Frequência de respostas relativas à consideração da formação académica insuficiente.

		Respostas		Percentagem de casos
		N	Percentagem	
Formação académica insuficiente	Falta de carga letiva	26	34,7%	45,6%
	Abordagem generalizada	37	49,3%	64,9%
	Docentes pouco especializados	6	8,0%	10,5%
	Recurso a poucas situações práticas	6	8,0%	10,5%
Total		75	100,0%	131,6%

Percebemos que as principais questões que levam à consideração da abordagem insuficiente nos cursos de formação de professores são a existência de uma abordagem generalizada da modalidade (49,3%) e a reduzida carga letiva destinada à mesma (34,7%).

Por verificarmos que existe uma percentagem elevada de inquiridos que não teve qualquer formação académica durante a sua formação (62,8%), e dos que tiveram, 37,2% considerou a abordagem insuficiente, torna-se relevante perceber se os professores já procuraram material de apoio à modalidade, se encontraram o que pretendiam e se consideram a literatura existente suficiente. (Tabelas X e XI)

Tabela X: Frequência de respostas relativas à procura de material de apoio à modalidade por parte dos inquiridos.

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Sim	168	47,3	47,3	47,3
	Não	187	52,7	52,7	100,0
	Total	355	100,0	100,0	

Dos 355 inquiridos 47,3% já procurou material de apoio à modalidade.

Tabela XI: Frequência de respostas relativas à pergunta “Encontrou o que pretendia?”

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Sim	132	37,2	78,6	78,6
	Não	36	10,1	21,4	100,0
	Total	168	47,3	100,0	
Ausente	Sistema	187	52,7		
Total		355	100,0		

Dos 168 professores que procuraram material de apoio, 132 revela ter encontrado o que pretendia e 36 não localizaram o que desejavam.

Tabela XII: Frequência de respostas relativas à suficiência da literatura existente.

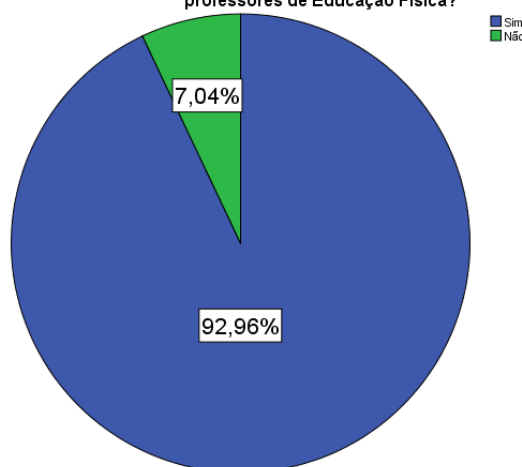
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Sim	83	23,4	49,4	49,4
	Não	85	23,9	50,6	100,0
	Total	168	47,3	100,0	
Ausente	Sistema	187	52,7		
Total		355	100,0		

A tabela anterior transmite-nos que dos 168 professores que já procuraram material de apoio, 49,4% considera que a literatura existente para auxiliar na modalidade é suficiente para ajudar o professor na sua lecionação, pelo contrário 50,6% dos professores não considerou a literatura suficiente.

Ao perceber que a percentagem de professores que não considera a literatura suficiente é de 50,6% consideramos necessário verificar se os professores considerariam importante a construção de um modelo de unidade didática onde estes poderiam basear a sua intervenção (gráfico III)

Gráfico III: Percentagens referentes à deliberação sobre a construção de uma UD destinada a auxiliar os professores de EF na sua intervenção.

4.3. Considera que seria importante a construção de um modelo de Unidade Didáctica com várias estratégias de ensino da modalidade direccionadas para os professores de Educação Física?



Grande maioria dos inquiridos (92,96%), considerou importante a construção de uma UD que os pudesse auxiliar no planeamento da sua intervenção na modalidade e apenas 7,04% não achou importante a construção desse documento de apoio.

Por fim, quisemos perceber qual o formato que os inquiridos achariam mais adequado para a disponibilização do material de apoio, obtendo os seguintes dados da tabela XIII.

Tabela XIII: Frequência de respostas referentes ao formato que os inquiridos revelam ser o adequado para a disponibilização de material de apoio.

		Respostas		Percentagem de casos
		N	Percentagem	
Formato material de apoio	Ações de formação	11	2,1%	3,4%
	Livro	107	20,5%	32,7%
	CD/DVD	154	29,5%	47,1%
	Plataforma online	250	47,9%	76,5%
Total		522	100,0%	159,6%

Aferimos que a maioria dos inquiridos (47,9%) escolhe a plataforma online como o formato preferido à disponibilização do material de apoio, 29,5% escolhe o CD/CVD, 20,5% o recurso

ao Livro e 2,1% refere que seria importante disponibilizar informação através da realização de ações de formação com esse intuito.

4.2- Discussão

Na tentativa de verificar qual a situação actual do ensino do Judo em contexto escolar nas Escolas Portuguesas, apresentamos neste ponto uma análise e discussão dados recolhidos relativos à abordagem actual do Judo na Educação Física, à formação superior dos professores associada à modalidade e ao material de apoio existente e a construir.

Até à data foram várias as alterações que a Educação Física sofreu, nomeadamente relativamente à implementação de projectos pedagógicos, reorganização de currículos, criação de novos métodos de avaliação e a inserção de novas práticas corporais, como é o caso do Judo que se assume como um meio de auxílio pedagógico muito importante para o desenvolvimento global da criança. (Ohi & Conceição, 2013)

Também (Nora, 1997) afirma que devido aos seus fins educativos, o Judo deve ser inserido nas Escolas por trabalhar a formação integral do aluno, pois além de desenvolver as capacidades físicas, ajuda a criança na sua relação com os outros trabalhando em simultâneo elementos como a disciplina e o respeito.

Por verificarmos que vários são os autores que referem a importância do Judo na Educação Física Escolar por este ser potenciador de inúmeros benefícios durante a formação do indivíduo, decidimos verificar se os professores de Educação Física Portugueses abordam esta modalidade durante as suas aulas e se não o fazem qual a(s) principal(ais) razão(ões).

Os resultados com que nos deparamos revelaram-se preocupantes pois apenas 74 professores dos 355 inquiridos revelaram abordar esta modalidade durante as suas aulas, referindo como principais entraves a falta de formação (34,6%), não integrar o currículo escolar (21,8%), ser uma modalidade alternativa (20%) e falta de recursos materiais (14%). Também (Nascimento & Almeida, 2007) no seu estudo afirmam que de entre vários argumentos restritivos à lecionação da modalidade destacam-se a falta de vivências pessoais e académicas do professor, bem como a associação da modalidade ao crescimento da violência. Contudo e apesar deste último argumento também estar inserido na escolha dos professores portugueses, os resultados revelam-se pouco significantes pois apenas 3 professores referenciaram esse aspeto como inibidor do trato da modalidade, o que nos leva a considerar que a visão que estes têm sobre a modalidade deixou de ser associada ao acréscimo de violência. (Rosa & Figueiredo, 2015) citando Robles (2008) identificam cinco problemáticas associadas à falta de abordagem das artes marciais e desportos de combate por parte dos professores, sendo elas: a formação académica, as experiências anteriores, as instalações/matérias disponíveis, o interesse dos alunos e a escassez de propostas didácticas. Estas razões vão ao encontro dos resultados obtidos, contudo não nos deparamos com nenhum estudo que assumisse como obstáculos à abordagem da modalidade o facto desta ser uma modalidade alternativa, nem de não integrar os currículos escolar, mas assumimos que a falta de formação está associada a estas duas razões, pois os professores ao não se sentirem

capazes de abordar a modalidade, não a inserem nos seus currículos escolares por esta ser uma modalidade alternativa e existirem mais hipóteses de escolha.

Apesar de só aproximadamente 20% dos inquiridos abordar a modalidade, a grande maioria concede importância à sua abordagem (67,04% importante, 13,52% muito importante, 3,66% extremamente importante), esta posição dos inquiridos vai ao encontro de dos inúmeros estudos que atribuem importância à inserção desta modalidade na Educação Física. (Ferreira J. E., 2007), (Ohi & Conceição, 2013), (Santos, Souza, Santos, & Barbosa, 2013) & (Oliveira & Filho, 2013).

Podemos aferir que aproximadamente 52% dos inquiridos revelou não se sentir capaz de abordar uma Unidade Didáctica Judo durante a sua intervenção pedagógica, apresentando como principais argumentos a falta de formação, ou formação insuficiente e a falta de conhecimento na área. Mais uma vez estes resultados levam-nos ao aspecto crítico da falta de formação que os professores têm neste âmbito. Contudo 47,89% afirmou que se sentiria capaz de abordar a modalidade durante uma Unidade Didáctica, esta informação acaba por ser um pouco contraditória, pois apenas 20% dos professores o faz. Ainda assim podemos justificar estes dados através dos argumentos que estes apresentaram anteriormente como a falta de materiais e o facto de tratarmos de uma modalidade alternativa do PNEF. Ou até mesmo por os professores entenderem, que como refere (Nora, 1997), o Judo como conteúdo da Educação Física deve tratar fundamentos básicos que vão além das técnicas e táticas, mas sim centrar-se em oferecer um leque variado de movimentos associados à filosofia da modalidade respeitando os princípios éticos e morais da mesma.

Remetendo-nos para as componentes específicas da acção pedagógica do professor durante a gestão e organização do ensino, como é o caso do planeamento, da intervenção e da avaliação, podemos verificar que os professores deste estudo revelaram similares dificuldades em todos os campos, referindo como principais obstáculos: identificar erros técnicos, ensinar termos específicos da modalidade, encontrar progressões pedagógicas adequadas, corrigir prestações desajustadas e leccionar a parte teórica e prática. Notamos que 23% dos inquiridos referenciou ter dificuldades em todos os aspectos e apenas 7,1% afirmou que nenhum dos conteúdos lhe traria dificuldades na sua intervenção.

Ao observarmos que a falta de formação se revela um ponto crítico que leva à escassa ligação do professor de Educação Física com a modalidade, decidimos analisar a existência de formação académica superior durante a sua formação enquanto professor, pelo que nos deparamos com dados bastante preocupantes, pois dos 335 inquiridos apenas 132 afirmaram ter tido essa formação e ainda assim desses 132, 50 revelaram que não a consideraram suficiente principalmente devido a uma abordagem generalizada e à carga lectiva insuficiente que não permite ao professor adquirir conhecimentos que o tornem capaz de realizar uma abordagem segura.

Estes resultados vão ao encontro da análise realizada por Gomes e Avelar- Rosa (2012) citados por (Rosa & Figueiredo, 2015) que referem que apenas cerca de 45% dos planos curriculares observados (sendo considerada toda a oferta académica existente) em Portugal

incluem unidades curriculares referentes a artes marciais e desportos de combate, nas licenciaturas na área da Educação Física e Desporto. Também (Silva V. A., 2010) no seu estudo menciona a importância de uma boa formação do professor para que este fique apto para avançar para a uma boa intervenção, contudo refere que grande parte dos currículos de educação física destinam uma baixa carga horária ao ensino das lutas.

Ao percebermos que a formação académica superior tem aspectos a colmatar para que realmente seja útil ao professor, tornou-se importante analisar a literatura e material de apoio existente. Cerca de 47,3% dos inquiridos já procurou material de apoio e 76,8% destes refere que encontrou o que pretendia, mas ao investigarmos se consideram a literatura existente suficiente para auxiliar o professor na sua intervenção, apenas metade refere que sim. Estes resultados coincidem com o referido por (Kons, Campos, & Freccia, 2015) que declaram que ainda é insuficiente a literatura sobre o ensino do Judo, pois não se encontra disponível um processo metodológico lógico e racional do ensino desta modalidade o que leva a que os professores adotem uma forma tradicional e tecnicista de ensino. Ou até mesmo como refere (Côrrea, Queiroz, & Pereira, 2010) que afirma que a escassez de bibliografia e trabalhos académicos que ofereçam alternativa às matérias nucleares leva a que o professor exclua as lutas do seu leque de modalidades a leccionar.

Por fim verificamos que os professores inquiridos consideraram importante a construção de uma Unidade Didática que os auxilie na sua prática pedagógica, elegendo como formatos preferenciais de disponibilização de materiais de apoio a plataforma online, CD/DV e o livro, contudo um grupo reduzido de inquiridos também acrescenta que a disponibilização de conhecimentos poderia ser realizada através de ações de formação no âmbito desta temática.

5- Conclusões

Com este estudo podemos concluir que a situação actual do ensino do Judo nas Escolas Portuguesas passa por inúmeras dificuldades que levam a que a sua abordagem seja bastante escassa. A principal razão deste cenário parece dever-se à falta ou insuficiência de formação e conhecimentos que os professores de Educação Física revelam ter acerca da modalidade.

Esta falta de formação leva a que estes não se sintam capazes de intervir na área e muitas vezes desprezam o ensino desta modalidade por estar inserida nas disciplina alternativas e não ter de fazer parte integrante do currículo escolar, contudo a maioria considera-a importante e reconhece-lhe os valores educativos.

Aliada à falta de formação também a literatura existente parece não se demonstrar explícita e suficiente para auxiliar os professores na sua ação didática, pelo que estes consideram importante que seja construído material de apoio que os ajude a encaminhar a sua acção docente.

Deste modo, demonstra-se importante que haja uma reformulação dos currículos da formação superior dos Professores de Educação Física, para que seja exigida a inserção de um bloco alusivo às lutas durante a sua formação, para que estes tenham contactos com esta realidade e percebam que o ensino da mesma não exige elevados conhecimentos técnicos, mas sim uma dinâmica de aula distinta que leva a que o aluno contacte com diferentes realidades corporais e até mesmo culturais.

Apesar de existirem professores que revelaram ter tido esta abordagem na sua formação, alguns deles não a consideraram suficiente, na maioria das vezes pela generalidade do seu conteúdos e falta de carga horária destinada à mesma.

Podemos afirmar que caso não haja esta estruturação dos cursos superiores de formação de professores, o professor poderá sair da sua formação apenas preparado para intervir em alguns blocos de matérias (muitas vezes apenas as nucleares) o que levará a que este na sua actividade lectiva comprometa as aprendizagens dos alunos expondo-os maioritariamente aos mesmos estímulos e contextos de aprendizagem.

Apesar deste panorama podemos assumir que está a ser feito um esforço pelos órgãos competentes para que haja uma maior dinamização da modalidade através do *Projeto Judo at School* que permite aos alunos contactar com o Judo e fornece aos professores de Educação Física formação adequada. Contudo e mais uma vez reforça-mos que a formação académica do professor deve-lhe oferecer essas ferramentas de ensino, para que este consiga oferecer aos seus alunos um leque de conhecimentos o mais alargado possível.

De modo a auxiliar os professores perante as dificuldades que enumeraram consideramos que os anexos XV e XVI serão um contributo interessante que poderá ajudar a colmatar algumas das suas dificuldades.

6- Bibliografia

- Long Term Athlete Development- JUDO*. (2006). Obtido em 19 de Maio de 2017, de Judo Canada LTADM: http://www.judocanada.org/wp-content/uploads/2011/05/00000799_3-JC-LTAD-INTRO4.pdf
- O Concelho de Torres Novas alguns números*. (2011). Obtido em 22 de Maio de 2017, de Município de Torres Novas: http://www.cm-torresnovas.pt/images/documents/Socioeconomica/ConcelhoTorresNovasV2_2011.pdf
- André, M. D. (2011). *Relatório de Estágio Pedagógico*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Ângelo, H. F. (2012). *Introdução e Aperfeiçoamento Técnico/Tético- Judo*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Batista, M., & Delgado, S. C. (2013). A Prática de Judo em Relação ao Autoconceito, a Auto-Estima e o Rendimento Escolar de Alunos do Primeiro Ciclo do Ensino Básico . *Revista de Ciencias del Deporte*, pp. 193-210.
- Bossle, F. (2002). Planejamento de ensino na educação física- Uma contribuição ao coletivo docente. *Movimento- Revista de Educação Física da UFRGS*.
- Bratfische, S. A. (2003). Avaliação Em Educação Física: Um Desafio. *Journal of Physical Education*, 22.
- Cardoso, D. S. (2014). *Relatório Dinal de Estágio Pedagógico*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Carvalho, R. C. (2014). *Relatório Final de Estágio realizado na Escola Básica e Secundária de Gama Barros*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Castro, A. T., & Salva, S. (2012). Estágio como Espaço de Aprendizagem Profissional da Docência no Curso de Pedagogia. *Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul- IXANPED Sul*, (pp. 1-2).
- Coelho, I. A. (2012). *Relatório de Estágio Pedagógico desenvolvido na Escola Secundária Infanta D. Maria, Junto da turma do 7º B no Ano Letivo 2011-2012*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Colégio Andrade Corvo & Colégio de Navegantes. (2014-2017). Projeto Educativo. Torres Novas.
- Confederação do Desporto de Portugal. (s.d.). *"Treino de Jovens: Principios Orientadores"*. Obtido em 29 de Abril de 2017, de Programa de Formação de Recursos Humanos para o Desporto: <http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/1089/1/Treino%20de%20Jovens%20-%20Princ%3ADpios%20Orientadores.pdf>
- Côrrea, A. O., Queiroz, G., & Pereira, M. P. (2010). *Lutas como conteúdo na Educação Física Escolar*. Caraguatatuba- São Paulo: Módulo Centro Universitário.
- Costa, N. P. (2015). *Relatório de Estágio Desenvolvido na Escola Secundária Infanta D. Maria, com a turma do 7º B, no Ano Letivo 201/2015*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

- Cunha, F. A. (Novembro de 2003). Feedback como instrumento pedagógico em aulas de educação física. *Efdeportes*.
- Departamento de Ciências do Desporto. (2016-2017). *Regulamento da Unidade Curricular de Estágio Profissional do 2º Ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da UBI*. Obtido em 4 de Abril de 2017, de Universidade da Beira Interior: www.ubi.pt
- Direção Geral de Educação. (2013-2017). *Desporto Escolar*. Obtido em 5 de Maio de 2017, de Programa do Desporto Escolar: http://www.dgeste.mec.pt/dsrlvt/de/normativos/Programa_Desporto_Escolar_2013_2017.pdf
- Direção Geral Estatísticas da Educação e Ciência. (Setembro de 2016). *Perfil do Docente 2014/2015- Análise Setorial*. Obtido em 10 de Junho de 2017, de Direção-Geral Estatísticas da Educação e Ciência: [http://www.dgeec.mec.pt/np4/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=715&fileName=D_GEEC_DSEE_DEEBS_PerfilDocente1415_An_li.pdf](http://www.dgeec.mec.pt/np4/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=715&fileName=D_GEEC_DSEE_DEEBS_PerfilDocente1415_An_li.pdf)
- Favinha, M., Góis, M. H., & Ferreira, A. (Dezembro de 2012). A importância do Papel do Diretor de Turma enquanto gestor de currículo. *Revistas Nacionais com Arbitragem Científica*, pp. 2-3.
- Ferreira, D. (2005). *Construção de Instrumentos de Observação de Prática Educativas*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Ferreira, H. S. (26 de Julho de 2006). As Lutas na Educação Física Escolar. *Revista de Educação Física*, pp. 36-44.
- Ferreira, J. E. (2007). *A importância da implementação da prática do judô, por seus pressupostos pedagógicos, no projeto segundo tempo*. Maceió: Universidade de Brasília.
- Figueiredo, A. (Jan-Fev de 1998). Os desportos de combate nas aulas de Educação Física. *Horizonte*, pp. 1-8.
- Gaitas, S., & Silva, J. C. (2010). "Bons Professores" e Boas "Práticas Pedagógicas": A Visão de Professores e Alunos dos 2º e 3º Ciclos. *VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (p. 2664). Minho: Universidade do Minho.
- Godim, D. F. (2012). *Aspectos Metodológicos aplicados ao ensino do Judô para crianças*. PERNANBUCO: Escola Superior de Educação Física.
- Gonçalves, C. E., & Silva, M. C. (2004). *Valores e Orientação Motivacional no Desporto de Jovens - Estudo Exploratório em Basquetebolistas dos 13-16 anos*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Gori, R. M., & Maciel, L. M. (s.d.). *O Professor de Educação Física Na Escola: Consensos e Conflitos*. Obtido em 23 de Abril de 2017, de <https://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwiGuqGqxqbUAhXBWhQKHTB6BH0QFggiMAA&url=http%3A%2F%2Fendipe>

- .pro.br%2Fanteriores%2F13%2Fpaineis%2Fpaineis_autor%2FT2376-1.doc&usg=AFQjCNFEkX9VZKn_nYqpg3rkHtCSVDPf9g&sig2
- Júnior, O. C., Ferreira, M. G., & Rodrigues, A. (1999). A Evolução Sócio-Histórica do Judô: Primeiras Aproximações. *Revista de Educação Física*, pp. 13-21.
- Kons, R. L., Campos, V., & Freccia, G. W. (Agosto de 2015). Ensino do judô: metodologia e propostas pedagógicas. *EFDeportes- Revista Digital*.
- Lima, M. Â. (2012). *A emergência do ensino dos Desportos de Combate nas aulas de Educação Física*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Lopes, T. C. (2011). *Contribuição da Avaliação Formativa para o Desenvolvimento Cognitivo em Alunos de Física*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Machado, J. G. (2008). *QUEM ERRA... APRENDE. A importância do Erro enquanto constrangimento indissociável do processo de ensino-aprendizagem do Futebol*. Porto: Universidade do Porto.
- Machado, L. B., & Santos, J. A. (Jan-Dez de 2015). Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação. *Scielo*, p. 844.
- Martins, P. M. (2014). *Relatório de Estágio Pedagógico desenvolvido no Agrupamento das Escolas da Lousã, junto da turma do 9º B, no Ano Letivo 2013-2014*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Menezes, L., Amorim, M., & Souza, V. (24 de Outubro de 2009). *Reflexões sobre o estágio curricular supervisionado do curso de Educação Física da Universidade Católica de Goiás- UCG*. Obtido em 14 de Abril de 2017, de Web Artigos: <http://www.webartigos.com/artigos/reflexoes-sobre-o-estagio-curricular-supervisionado-do-curso-de-educacao-fisica-da-universidade-catolica-de-goias-ucg/26865/>
- Nascimento, P. R., & Almeida, L. (Setembro- Dezembro de 2007). A tematização das lutas na Educação Física: restrições e possibilidades. *Movimento*, pp. 91-110.
- Nobre, J. A. (2010). *O Trabalho em Equipas Docentes e o Desenvolvimento da Educação Física. Uma Abordagem Organizacional*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Nora, L. O. (1997). *O Judô: esporte e luta como conteúdos da Educação Física Escolar*. Campinas: Faculdade de Educação Física.
- Ohi, L. S., & Conceição, W. L. (Outubro de 2013). Judô na Educação Física escolar: em busca do caminho suave no trato pedagógico. *Revista Digital - EFdeportes*.
- Oliveira, A. R., Sartori, S. K., & Laurindo, E. (2014). *Recomendações para a Educação Física Escolar*. Conselho Federal e Regionais de Educação Física.
- Oliveira, R. J. (2013). *Relatório de Estágio Pedagógico desenvolvido na Escola Básica nº 2 de S. Silvestre Junto da turma do 8º B no Ano Letivo de 2012/2013*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Oliveira, S. B., & Filho, A. D. (Maio de 2013). Ensino de lutas na escola: elemento pedagógico ou estímulo à violência? *EFDeportes*.

- Perrenoud, P. (2001). *Évaluation informative*: une expression malheureuse, source de toutes les confusions. Gêneve, Gêneve.
- Quina, J. N. (2007). *A organização do processo de ensino em Educação Física*. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança.
- Reay, T. (1990). *Guia Prático do Judo- Destreza e Técnica*. Lisboa: Editorial Presença.
- Rodrigues, S. P. (2015). *Relatório Final de Estágio Pedagógico*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Rosa, B. A., & Figueiredo, A. (2015). As Artes Marciais e Desportos de Combate na Educação Física Escolar- Interpretação Curricular. *Journal of Sport Pedagogy and Research*, 14-21.
- Santos, R. G., Souza, A. L., Santos, R. G., & Barbosa, F. N. (Janeiro de 2013). As lutas nas aulas de Educação Física. O caso do judô como possível conhecimento a ser trabalhado. *EFDeportes- Revista Digital*.
- Santos, S. O. (2015). *A integração oriente-ocidente e os fundamentos do Judô educativo*. São Paulo: Factash Editora.
- Sayão, M. N., & Muniz, N. L. (2004). O Planejamento na Educação Física Escolar: Um Possível Caminho para a Formação de um Novo Homem . *Pensar a Prática*.
- Silva, J. T., & Nascimento, M. A. (s.d.). *Importância do Estágio Supervisionado na Educação Física para o desenvolvimento Acadêmico*. Brasil: Faculdades Integradas de Patos.
- Silva, V. A. (2010). *O Judô na Educação Física Escolar: pesquisa qualitativa sobre o ensino do judô nas escolas de Porto Alegre*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande Sul.
- Silva, V. F., Lima, C., Pedra, M. F., & Santos, A. M. (2011). A importância da formação continuada para uma atuação docente reflexiva. *Jornal da Educação*.
- Silva, V. M. (2009). *Análise e Caracterização da Luta de Judo*. Porto: Universidade do Porto.
- Simões, V. L. (2012). *Relatório de Estágio Pedagógico desenvolvido na Escola Básica 2º e 3º ciclo de Martim de Freitas junto da turma B do 8º ano no ano letivo 2011-2012*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Trusz, R. A., & Dell'Aglio, D. D. (Julho-Dezembro de 2010). A prática do judô e o desenvolvimento moral de crianças. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, pp. 117-135.
- Vieira, H. C., Castro, A. E., & Júnior, V. F. (2010). O uso do questionário via e-mail em pesquisas acadêmicas sob a ótica dos respondentes. *XIII SEMEAD- Seminários em Administração*.
- Zambonetti, M. (2009). *Tomada de Decisão em Grupo Individual: uma Análise da Existência do Efeito Disposição*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

Apêndice A

Anexos

Anexo I- Ficha de Caracterização Individual do Aluno;

Anexo II- Ficha de Resumo Caracterização Geral da Turma 5º B;

Anexo III-Exemplo de Plano de Aula de Patinagem;

Anexo IV- Ficha de Resumo Caracterização Geral da Turma 7º A;

Anexo V- Objetivos (domínio psico-motor) a atingir para os diferentes grupos-nível;

Anexo VI- Quadro extensão e sequência de conteúdos- Exemplo Voleibol;

Anexo VII- Exemplo Plano de aula 7º A;

Anexo VII- Protocolo de Avaliação Inicial (PAI);

Anexo IX- Grelha de Avaliação Diagnóstica- exemplo;

Anexo X- Grelha de Avaliação Sumativa- exemplo;

Anexo XI- Mesociclo Judo- Exemplo;

Anexo XII- Plano de Treino Judo- Exemplo;

Anexo XIII- Programa Canoagem;

Anexo XIV- Questionário Judo;

Anexo XV - Proposta Sintetizada de Ensino do Judo- Nível Introdutório;

Anexo XVI- Exemplo de 3 planos de aula (restantes em anexo digital) da UD proposta para o Nível Introdutório;